



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Os Atentados Terroristas e os Mercados Financeiros

Marta Silva Batista

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Economia Monetária e Financeira

Orientador:

Doutor Emanuel Cláudio Reis Carvalho Leão, Professor Auxiliar com agregação,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2018



Escola de Ciências Sociais e Humanas

Departamento de Economia Política

Os Atentados Terroristas e os Mercados Financeiros

Marta Silva Batista

Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de

Mestre em Economia Monetária e Financeira

Orientador:

Doutor Emanuel Cláudio Reis Carvalho Leão, Professor Auxiliar com agregação,

ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa

setembro, 2018

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo fundamental estudar os impactos dos atentados terroristas nos mercados financeiros, concretamente nos mercados acionista e cambial. Numa primeira fase, utiliza-se como indicadores os principais índices dos mercados acionistas Norte-Americano e Europeu. Será objeto de estudo um outro indicador, a evolução das taxas de câmbio entre as moedas Dólar, Euro e Libra Esterlina. Destacando também o impacto em termos sectoriais, ou seja, analisar alguns setores da atividade económica que possam ser influenciados por ataques terroristas. Numa última fase procura-se analisar os possíveis efeitos a Portugal se este fosse alvo de um fenómeno destes.

A análise baseia-se em métodos qualitativos, tendo como referências gráficos e quadros disponibilizados em várias plataformas de base de dados (FRED, Euronext, Bloomberg Markets, London Stock Exchange, BME – Bolsa y Mercados Españoles, MSCI IMI SECTOR INDEXES e Banco de Portugal) num período máximo de dez anos (2008-2018). Realiza-se ainda um questionário para se poder especular sobre possíveis impactos nos mercados financeiros portugueses, caso Portugal fosse alvo de um ataque terrorista.

Os resultados obtidos sugerem que atentados terroristas não influenciem o mercado acionista a curto e longo prazo. Ao passo que no mercado cambial existe desvalorização da moeda a curto prazo e inexistência de impacto no longo prazo. Quanto aos setores mais afetados sobressaem o financeiro, o ramo da energia e ainda o da tecnologia. No que concerne aos efeitos a Portugal, os resultados apurados por questionário, seriam visíveis nos mercados acionista e cambial, porém seria sobretudo no curto prazo. Os setores suscetíveis de serem mais influenciados são o do Turismo e Financeiro.

Palavras – chave: Ataques Terroristas, Mercado Acionista, Mercado Cambial, Análise Setorial, Portugal

Abstract

The main objective of this work is to study the impact of terrorist attacks on financial markets, specifically in the stock and foreign exchange markets. In the first phase, the main indices of the North American and European stock markets are used as indicators. Another indicator, the evolution of the exchange rates between the currencies Dollar, Euro and Pound Sterling, will be studied. Also highlighting the impact in sectoral terms, that is, analyze some sectors of economic activity that may be influenced by terrorist attacks. In a final phase, it is tried to analyze the possible effects to Portugal if it were the subject of a phenomenon of these.

The analysis is based on qualitative methods, with graphical references and tables available on several database platforms (FRED, Euronext, Bloomberg Markets, London Stock Exchange, BME - Bolsa y Mercados Españoles, MSCI IMI SECTOR INDEXES and Banco de Portugal) within a maximum period of 10 years (2008-2018). A questionnaire is also carried out in order to speculate on possible impacts on the portuguese financial markets if Portugal were to be the target of a terrorist attack.

The results suggest that terrorist attacks do not influence the stock market in the short and long term. While in the exchange market there is currency devaluation in the short term and there is no long term impact. As for the sectors most affected, the financial sector, the energy sector and the technology sector stand out. Regarding the effects to Portugal, the results obtained by questionnaire, would be visible in the stock and exchange markets, but would be especially in the short term. The sectors most likely to be influenced are Tourism and Finance.

Keywords: Terrorist Attacks, Stock Market, Foreign Exchange Market, Sectoral Analysis, Portugal

Índice

Resumo.....	iii
Abstract	iv
Índice de quadros	vi
Índice de figuras	vii
Glossário de Siglas	viii
Introdução.....	viii
Capítulo I - Terrorismo	3
Capítulo II - Mercados Financeiros.....	7
2.1 - Mercado acionista.....	7
2.1.1 - Mercado E.U.A.	9
2.1.2 - Mercado Europeu	12
2.2 - Mercado Cambial	18
2.2.1 - Taxa de câmbio USD/EUR e USD/UK.....	18
2.2.2 - Taxa de câmbio EUR/USD e EUR/UK.....	20
Capítulo III - Análise de Setores	21
3.1 - Caso EUA	22
3.2 - Caso Europa.....	24
Capítulo IV – Portugal e os Atentados Terroristas	29
4.1 – Questionário	30
4.2 - Análise de Dados	31
Conclusão	38
Bibliografia.....	42
Anexos.....	44

Índice de quadros

Gráfico 2.1.1.1 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2008-2011)

Gráfico 2.1.1.2 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2012-2015)

Gráfico 2.1.1.3 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2014-2017)

Gráfico 2.1.1.4 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2016-2018)

Gráfico 2.1.2.1 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Gráfico 2.1.2.2 – Evolução do índice BEL 20 (2013-2018)

Gráfico 2.1.2.3 – Evolução do índice CAC 40 (2013-2018)

Gráfico 2.1.2.4 – Evolução do índice CAC 40 (2016-2018)

Gráfico 2.1.2.5 – Evolução do índice DAX 30 (2013-2018)

Gráfico 2.1.2.6 – Evolução do índice FTSE 100 (2017-2018)

Gráfico 2.1.2.7 – Evolução do índice IBEX 35 (2016-2018)

Gráfico 3.2.1 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Gráfico 3.2.2 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Gráfico 3.2.3 – Evolução do índice BEL 20 (2011-2015)

Gráfico 3.2.4 – Evolução do índice BEL 20 (2011-2015)

Gráfico 3.2.5 – Evolução dos Setores Espanhóis (2017-2018)

Índice de figuras

Figura 3.1– Percentagem dos setores anual (2000-2017)

Figura 4.2.1 – Efeito no preço das ações Portuguesas em percentagem e número

Figura 4.2.2 – Efeito de curto e longo no preço das ações Portuguesas em percentagem e número

Figura 4.2.3 – Influência no Mercado Cambial Português em percentagem e número

Figura 4.2.4 – Efeitos de curto e longo prazo no Mercado Cambial Português em percentagem e número

Figura 4.2.5 – Setores de Atividade distribuídos em percentagem e número

Figura 4.2.6 – VAB por setor de atividade económica em Portugal

Glossário de Siglas

BEL 20 – Índice do mercado bolsista que reúne as 20 melhores empresas cotadas na Bélgica

Big Four (KPMG, PwC, EY e Deloitte) - é a designação utilizada para referir as quatro maiores empresas de auditoria e consultoria do mundo.

CAC 40 – Índice do mercado bolsista que reúne as 40 melhores empresas cotadas em França

DAX 30 – Índice do mercado bolsista que reúne as 30 melhores empresas cotadas na Alemanha

FRED – Federal Reserve Economic Data of St. Louis

EURONEXT – Mercado bolsista que reúne as bolsas de Paris, Amesterdão, Bruxelas e Lisboa.

EUA - Estados Unidos da América

EUR - Euro

EUR/GBP - Cotação Cambial entre Euro e Libra Esterlina

EUR/USD - Cotação Cambial entre Euro e Dólar norte-americano

FTSE 100 – Índice do mercado bolsista que reúne as 100 melhores empresas cotadas no Reino Unido

GBP - Libra Esterlina

HVEs – Homegrown Violent Extremists

IBEX 35 - Índice do mercado bolsista que reúne as 35 melhores empresas cotadas em Espanha

MSCI - Morgan Stanley Capital International

S&P 500 - Standard and Poors 500 - Índice do mercado bolsista que reúne as 500 melhores empresas cotadas nos Estados Unidos da América

UE - União Europeia

UK - Reino Unido

USD - Dólar norte-americano

USD/EUR - Cotação Cambial entre Dólar norte-americano e Euro

USD/GBP - Cotação Cambial entre Dólar norte-americano e Libra Esterlina

VAB – Valor Acrescentado Bruto

Introdução

Hoje em dia as notícias são dadas in real-time, sendo que o investidor tem acesso imediato ao que se passa em todo o mundo. Deste modo, a sua reação aos mercados financeiros pode ocorrer a uma velocidade alucinante. Atualmente assiste-se à abertura de jornais com notícias sobre atentados terroristas em diversos países espalhados por todo mundo. Nos últimos anos, a Europa foi alvo de vários atos terroristas e as ameaças estão constantemente a decorrer.

No momento em que um determinado acontecimento é noticiado, pode provocar o “pânico”. Corsetti et al. (2005) afirmam que este “pânico” alastra-se à distância de um clique, ocorrendo assim, o chamado efeito de contágio. Instalando-se em poucos minutos um clima de caos no mercado visado, cujas consequências se perpetuam a curto e médio prazo. São exatamente este tipo de acontecimentos que trago para este enquadramento, os atentados terroristas, que infelizmente, e cada vez mais, fazem parte da conjuntura atual a que qualquer país se encontra sujeito.

A necessidade de obter informação sobre a relação entre os atentados terroristas e os mercados financeiros Norte-Americanos e Europeus surge como uma das motivações primordiais do estudo aqui apresentado. Portanto, há uma necessidade de saber se existe impacto concretamente nos mercados acionistas, mercados cambiais, bem como nos vários setores de atividade económica de cada país. Deste modo, o estudo realizado pode servir de apoio aos investidores na escolha dos melhores setores para investir. Portugal, também esteve sobre ameaça destes fenómenos provocados pelo homem, tornam-se no último objetivo de análise. Ou seja, o estudo visa explorar e antever os possíveis efeitos em Portugal, caso este fosse atingido.

Nos últimos anos, a Europa foi alvo de vários atos terroristas e as ameaças estão constantemente a decorrer. Jens Stoltenberg, secretário-geral da NATO, alertou no dia 7 de novembro de 2017 (Jornal Notícias) para a possibilidade dos terroristas do grupo extremista Estado Islâmico (Daesh) estarem a preparar atentados contra países da NATO. Isto sugere que seja espetável que os atentados terroristas continuem a afetar a Europa no futuro.

A economia do país alvo de atentados terroristas também é prejudicada. Isto porque parte de um país fica destruído, como edifícios, empregabilidade das pessoas, produtividade de algumas empresas, etc. Além dos prejuízos diretos que sucedem aos atentados terroristas, surge o clima

de medo que é provocado, contudo a adoção de políticas contra terrorismo surgem na tentativa de amenizar os impactos (Frey et al.-2004).

A vida humana é indiscutivelmente a principal afetada pelos atentados terrorista, no entanto, também os mercados financeiros se tornaram, direta ou indiretamente vítimas destes atos. Haverá sempre repercussões nos mercados financeiros, uma vez que estes fenómenos perturbam e geram incertezas e/ou especulações. (R. Barry Johnston e Oana M. Nedelescu - 2005).

Para compreender os impactos dos atentados terroristas nos mercados financeiros optei por utilizar métodos qualitativos, ou seja, com base em análise de gráficos. Foram selecionados 21 atentados terroristas ocorridos nos Estados Unidos da América e Europa tendo em conta um intervalo de tempo de 10 anos, ou seja, de 2008 a 2018.

Os indicadores utilizados para a realização deste estudo serão alguns dos principais índices dos mercados acionistas (S&P 500 para os Estados Unidos da América, BEL 20 para a Bélgica, CAC 40 para França, DAX 30 para a Alemanha, FTSE 100 para o Reino Unido e IBEX 35 para Espanha). Há que referir que estes dados foram obtidos através dos portais do FRED, Euronext, Bloomberg Markets, London Stock Exchange e BME – Bolsa y Mercados Españoles. Por sua vez, a recolha da evolução das variáveis de taxas de câmbio foi obtida através dos portais do FRED e do Banco de Portugal. No que concerne à análise setorial, os índices de setores foram obtidos pela MSCI IMI SECTOR INDEXES, Euronext, Bloomberg Markets, London Stock Exchange e BME – Bolsa y Mercados Españoles. Por fim, para proceder à análise dos efeitos a Portugal decidi elaborar um questionário dirigido a pessoas que estão ligadas aos mercados financeiros (consultoras e bancos), para que possa ter uma boa representação das expectativas reais.

De entre as várias conclusões retiradas, é necessário realçar que, de um modo geral o mercado acionista não é afetado por atentados terroristas. Enquanto que, no mercado cambial os atentados terroristas levam à desvalorização da moeda. A acrescentar ainda que os setores que mais impacto têm perante estas ações são os Financials, Energy e Consumers.

O que é importante reter, neste estudo é que se Portugal fosse atingido por terroristas, os mercados estudados seriam afetados negativamente, no entanto, esse efeito seria mais acentuado a curto prazo.

De forma sucinta o estudo será estruturado da seguinte forma. No capítulo um, será feita uma breve introdução e definição do tema do terrorismo. A influência dos atentados terrorista nos mercados financeiros será o tema abordado no segundo capítulo, o qual divide-se em dois subcapítulos, mercado acionista e o mercado cambial em que cada um deles também se faz a separação entre o mercado norte-americano e o mercado europeu. No terceiro capítulo será estudada a relação da evolução dos setores de atividade económica com o terrorismo. No quarto capítulo, os possíveis efeitos de um atentado terrorista em Portugal serão estudados através da realização de questionários. Por último, prossegue-se a Conclusão, onde se apresentam as notas finais, principais conclusões aos estudos realizados e uma sugestão de futuras investigações com natureza semelhante.

Capítulo I - Terrorismo

Antes de proceder à análise da influência dos atentados terrorista nos mercados financeiros, é importante contextualizar o tema principal, fazendo uma breve revisão bibliográfica acerca do Terrorismo.

Terrorismo é definido pelo Federal Bureau of Investigation (FBI) do Departamento de Justiça dos Estados Unidos da América como sendo atos praticados por indivíduos e/ou grupos inspirados ou associados a movimentos, organizações ou nações terroristas que defendem ideologias extremistas de natureza política, religiosa, social, racial ou ambiental.

Segundo o FBI, desde o ataque terrorista do dia 11 de setembro de 2001, às torres gémeas em Nova York City, as ameaças continuaram a evoluir significativamente. Considera que existem três fatores que contribuíram para esta evolução, através de três vias: Da **Internet**, pois será através desta que a grande parte das pessoas tem acesso às informações e onde todo o mundo se comunica. A influência da **Comunicação Social** (Televisão, Jornais, Revistas) e das **Redes Sociais**, em que comunicação social assume um papel fundamental uma vez que projeta as notícias e nem sempre correspondem exatamente à realidade, incentivando a violência e revolta, fazendo os acontecimentos parecer maiores. E ainda, pela via dos **Extremistas Violentos Internos** (HVEs), isto é, terroristas que são nacionais ou residentes do país que atacam, e neste sentido, são terroristas dificilmente detetáveis pelos órgãos de segurança.

O terrorismo é o uso ilegítimo ou extranormal da violência contra os não-combatentes para alcançar fins políticos na visão de Laqueur (1987), sendo que, ocorre "no palco" com a opinião de um público (Rubin & Friedland, 1986; Jenkins, 1975). O ato de terrorismo "envia uma mensagem" ao público-alvo, para catalisar a mudança política e é inevitável que mudanças políticas dramáticas tenham sido geradas por esses atos. O terrorismo pode, portanto, ser visto como uma forma de influência social, recorrendo a atos de violência extranormal para influenciar as emoções, os motivos, os objetivos de raciocínio de uma população-alvo, as percepções e, finalmente, o comportamento.

A intenção é estimular o sentimento de medo e intimidar um "público-alvo" mais abrangente que possa incluir um grupo étnico ou religioso rival, um país inteiro, um governo nacional ou um partido político, e a opinião pública em geral, isto é também alcançado através da divulgação dos meios de comunicação social, que são muitas vezes os que instalam o pânico pós-atentados.

Deste modo, será pertinente fazer uma pequena seleção dos atentados terroristas com mais visibilidade perante a comunicação social, selecionando apenas os últimos 5 anos e em alguns casos um período mais alargado de 10 anos. Também optei por executar um filtro nas regiões alvo de atentados, selecionei os Estados Unidos da América e Europa.

No intuito de construir uma análise adequada, foram selecionados 21 atentados terroristas disponibilizados no Global Terrorism Database e com mais impacto na comunicação social. Em seguida, apresento uma listagem completa dos atentados terroristas em estudo, bem como o número de mortes e feridos alcançados, primeiramente constam os dos Estados Unidos da América e posteriormente os da Europa.

➤ **Estados Unidos da América**

5 de novembro de 2009 – Ocorreu em Killeen, no estado do Texas. Jihadi-inspired extremistas, fez 13 mortos e 32 feridos.

15 de abril de 2013 - Atentado na Maratona de Boston de 2013, duas bombas explodiram durante a Maratona de Boston, o que causou a morte de três pessoas e feriu outras 264.

17 de abril de 2013 – Decorreu em West, onde morreram 15 pessoas e 151 ficaram feridas.

17 de junho de 2015 – Ocorreu em Charleston (Carolina do Sul), numa das mais antigas igrejas afro-americanas do país, tem sido um local para a organização comunitária em torno dos direitos civis. 9 pessoas foram mortas.

2 de dezembro de 2015 - Um tiroteio em San Bernardino (Califórnia), mata 16 pessoas e feriu outras 17.

12 de junho de 2016 - Massacre de Orlando (Flórida). 50 pessoas foram mortas e 53 ficaram gravemente feridas.

1 de outubro de 2017 - O Tiroteio de Las Vegas Strip foi um episódio de assassinato em massa ocorrido no estado de Nevada com 59 mortos e 851 feridos. Foi o pior tiroteio em massa da história recente dos Estados Unidos da América.

➤ Europa

França: 11 a 19 de março de 2012 – Sequência de atentados, a 11 e 15 de março, 3 militares mortos a tiro em Toulouse e Montauban, seguindo-se a 19 de março, 3 crianças e 1 professor na escola judaica de Toulouse. O atirador é morto pela polícia a 22 de março.

Bélgica: 24 de maio de 2014 - Um homem dispara na entrada do museu judeu de Bruxelas, matando 4 pessoas.

França: 7 a 9 de janeiro de 2015 - Uma série de ataques ocorreram contra o semanário satírico Charlie Hebdo (12 mortos e 12 feridos) e contra um supermercado (5 mortos e 3 feridos). Os 3 jihadistas, abatidos pelas forças de segurança, afirmaram pertencer à al-Qaeda.

França: 13 de novembro de 2015 – Atentados praticados na sala de concertos Bataclan, em vários bares e restaurantes no centro da capital e perto do Estádio de França, em Saint-Denis - causam 137 mortos e 413 feridos. O grupo extremista Estado Islâmico reivindica os ataques.

Bélgica: 22 de março de 2016 - Uma dupla explosão no aeroporto de Zaventem e uma outra explosão na estação de metro de Malbeek, em Bruxelas, provocaram 35 mortos e 270 feridos.

França: 14 de julho de 2016 – Uma multidão que assistia ao fogo de artifício do dia nacional de França em Nice, foi atingida por um camião, originando a morte de 87 pessoas e 433 feridos.

Alemanha: 18 de julho de 2016 - Um jovem de 17 anos entrou num comboio, em Wurzburg, e atacou várias pessoas com um machado e uma faca, acabando por ser abatido pela polícia. 5 pessoas ficaram feridas e 1 morreu.

França: 27 de julho de 2016 - Um padre foi decapitado por dois alegados fiéis do Estado Islâmico, fizeram também vários reféns e mais tarde foram abatidos.

Alemanha: 19 de dezembro de 2016 – Um camião foi contra as pessoas que estavam num mercado de Natal em Berlim matando 13 pessoas e 48 ficaram feridas.

França: 3 de fevereiro de 2017 - Um "lobo solitário" atacou um grupo de soldados à entrada do Museu do Louvre, em Paris.

Inglaterra: 22 de março de 2017 - 6 pessoas morreram (incluindo o atacante) e cerca de 50 ficaram feridas num atentado ocorrido na ponte de Westminster em frente ao Parlamento britânico, em Londres.

Inglaterra: 22 de maio de 2017 - Um homem fez-se explodir no meio de milhares de pessoas que assistia ao concerto de Ariana Grande, em Manchester. Morreram 23 pessoas e 119 feridos.

Inglaterra: 3 de junho de 2017 - Uma carrinha atropelou várias pessoas na Ponte de Londres outras foram esfaqueadas no Mercado de Borough. 11 mortos e 48 feridos.

Catalunha: 17 de agosto de 2017 — O primeiro ataque ocorreu em Barcelona, quando um homem atropelou propositalmente vários pedestres na La Rambla. O segundo ataque em Cambrils. Mataram 20 pessoas e feriram outras 110.

É importante referir que, na minha análise o intervalo de tempo é de 10 anos nos Estados Unidos da América, uma vez que o portal de base de dados FRED não alcança intervalo maior que este. Posto isto, não é possível a recolha de dados relativamente ao atentado terrorista mais mortífero da história norte-americana (o 11 de setembro de 2001). No entanto, apesar de não conseguir ter gráfico para uma análise própria, existe já uma vasta bibliografia que me permite retirar algumas conclusões.

O mesmo acontece quando procedo ao estudo na Europa, em que a maior parte dos portais de bases de dados (Bloomberg Markets, London Stock Exchange e BME – Bolsa y Mercados Españoles) apenas têm disponíveis dados com intervalos de tempo máximo de 5 anos. O que

não me permite a recolha de dados para o maior atentado da Europa (o 11 de março de 2004) em Madrid. Porém, é de mencionar que existem referências bibliográfica, em que já se estudou estes dois atentados, de maior dimensão.

É de notar ainda, que pela extrema diferença de dimensão entre estes dois atentados terroristas e os que estão a ser analisados no presente estudo, não se pode fazer uma comparação. Não se pode tratar de igual atentados de grande dimensão com os de pequena dimensão. Deste modo, tirarei algumas conclusões com base na bibliografia.

Capítulo II - Mercados Financeiros

Os mercados são dinâmicos, quando acontece algo externo, os principais mercados mundiais oscilam. Com o aumento nos últimos anos de ações terroristas em todo o mundo, o interesse dos académicos em abordar a questão dos seus efeitos na economia cresceu. Foi a partir do gigantesco atentado terrorista de 11 de setembro de 2001, que surgiram as primeiras pesquisas sobre as consequências económicas.

A reação à informação que vai saindo no dia-a-dia tende a ser excessiva. Assim, há momentos em que os mercados param para olharem para trás em perspetiva e, havendo motivo, acabam por fazer “correções”.

No caso de alguns atentados nos Estados Unidos da América, a pronta intervenção do Federal Reserve System em cooperação com outras autoridades, resolveu a escassez de liquidez e conseguiu manter a confiança dos negócios e dos consumidores nos Estados Unidos e no exterior. Por este motivo os mercados financeiros demonstraram resiliência e capacidade de retomar à normalidade rapidamente. (R. Barry Johnston e Oana M. Nedelescu -2005)

2.1 - Mercado acionista

O mercado acionista é caracterizado como sendo um mercado financeiro específico onde se transacionam títulos representativos de propriedade parcial de empresas de cada país. As altas rendibilidades são o que faz atrair todos os dias milhões de investidores por todo o mundo, mas, agregada a esta possibilidade de grandes retornos, existe o elevado grau de risco, o que leva os investidores a ponderarem bem sobre os seus atos.

A relação existente entre os atentados terroristas e o mercado acionista tem sido estudada por diversos autores tanto para o curto-prazo como para o longo-prazo.

Para Souza (2003) acontecimentos imprevisíveis, como as intervenções militares e os atentados terroristas perturbam os mercados acionistas, gerando incertezas e especulações nestes.

A situação económica dos Estados Unidos da América, a maior economia do mundo, influencia as de outros países. Segundo R. Barry Johnston e Oana M. Nedelescu (2005), o impacto do ataque de 11 de setembro de 2001 em Nova York City foi visível em todo o mundo nos principais mercados de ações, que sofreram declínios bruscos e rápidos decorrentes dos elevados níveis de incerteza. O declínio nos mercados de ações europeus, que abriram antes dos Estados Unidos da América, foi ainda maior depois de 17 de setembro (data em que reabriu a bolsa de Nova York). Uma outra evidência deste estudo foi o facto do ataque terrorista em Espanha, no dia 11 de março de 2004, ter tido um impacto menor nos mercados de capitais e nos mercados financeiros em geral quando comparado com o impacto do dia 1 de setembro de 2001 em Nova York. Na Europa os mercados caíram durante os dias seguintes ao atentado, mas recuperaram quase na totalidade no final do mês.

É no curto prazo que se faz sentir um grande impacto dos ataques terroristas e invasões militares sobre os mercados de capitais em todo o mundo, segundo Andrew H. Chena e Thomas F. Siemsb (2004). Na investigação, os autores obtiveram um resultado estatisticamente significativo no ataque terrorista contra os Estados Unidos no dia 11 de setembro de 2001, em que, todos os 33 mercados de capitais globais da amostra apresentaram efeitos significativamente negativos no próprio dia (curto prazo).

Os mercados de capitais dos Estados Unidos da América tornaram-se mais resilientes do que no passado, ou seja, capazes de absorver choques provocados por ataques terroristas e invasões militares. Recuperaram mais rapidamente do que outros mercados de capitais globais, sendo que, os que se mostram negativamente mais afetados são os países da Europa e da Ásia.

Uma das razões apontadas para que a bolsa de Nova York não tenha sofrido um crash foi o facto de os mercados terem sido fechados durante quatro dias após os ataques de 11 de setembro de 2001. É possível que o tempo decorrido tivesse funcionado como efeito calmante, já que os investidores tiveram mais tempo para absorver a notícia dos ataques, evitando a reação de pânico. Um outro possível motivo para que os EUA se tornassem resilientes aos atentados, é o facto de já terem sido inúmeras vezes o alvo principal destas ações, o que os obriga a estarem sempre em estado de alerta a nível da segurança do país bem como a nível da própria economia

e, portanto, já adotou estratégias para que o país recupere rapidamente de episódios como estes, para além das medidas preventivas.

Os principais métodos estatísticos que estiveram na base da presente investigação são métodos quantitativos, através de análises de gráficos e quadros, ou seja, considerando algumas datas de principais atentados terroristas nos países selecionados e analisar o que aconteceu nos gráficos e valores no dia e depois do dia do atentado terrorista. Conta também com elaboração de um questionário dirigido a pessoas que estão ligadas aos mercados financeiros, como principais consultoras e bancos para analisar os possíveis efeitos em Portugal.

Neste capítulo, faz-se a análise gráfica global sobre os impactos dos atentados nos mercados acionistas, utilizando uma amostra selecionada de 21 atentados, dados de 6 países e 2 zonas distintas. Para que haja facilidade no entendimento deste estudo, os atentados são apresentados por ordem cronológica e faz-se a divisão do mercado norte-americano e mercado europeu.

2.1.1 - Mercado E.U.A.

Ao longo da história, os Estados Unidos da América tornaram-se o principal alvo dos ataques terroristas projetados pelo estado islâmico, pelo conflito que existe entre países. Uma explicação para esse facto pode ter haver com a sua posição política, económica e o seu poder de guerra (de armas). É pública a tensão existente entre os EUA e os países como Irão e Síria

O incidente de 11 de setembro de 2001 é um dos exemplos mais extremos do que a atividade terrorista pode fazer aos mercados e ações individuais. O ataque principal estava a poucos quarteirões da Bolsa de Valores de Nova York e o piso teve que ser fechado. Mas os ataques terroristas não têm que ocorrer em grandes centros financeiros (como Nova York, Londres ou Tóquio) para prejudicar a confiança no mercado e os preços das ações.

gráfico 2.1.1.1 mostra a evolução de 500 empresas mais importantes dos Estados Unidos da América que estão cotadas em bolsa e que integram o índice de mercado bolsista S&P 500 no período de 2008 a 2011, notando-se que o comportamento do referido índice, no dia 5 de novembro de 2009, aquando de um atentado terrorista no estado norte-americano Texas é de crescimento. No entanto também se pode concluir que após este dia os crescimentos e quedas abrandaram, ou seja, as subidas e descidas não foram acentuadas, cresceu e desceu de forma pouco significativa nos dias seguintes até janeiro de 2010.



Gráfico 2.1.1.1 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2008-2011)
Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

O dia 15 de abril de 2013 começou com duas bombas a explodirem durante a Maratona de Boston, o que levou a uma pequena queda na bolsa até ao dia 17 de abril, aquando do último ataque. Os mercados reagiram rápido e conseguiram recuperar, aumentando o índice S&P 500 nos dias seguintes à série de atentados de 15 a 17 de abril de 2013 (ver gráfico 2.1.1.2). Com Barack Obama a ocupar o lugar de Presidente dos Estados Unidos da América em 2012, o cenário do índice aqui apresentado é positivo, existe de uma tendência de subida desde o ano de 2012 até o ano de 2015 com ligeiras oscilações.



Gráfico 2.1.1.2 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2012-2015)
Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

Esse cenário começou a alterar em 2015, no primeiro semestre do ano não existe tendência de subida ou descida. No dia 17 de junho de 2015, no centro da Carolina do Sul dá-se um ataque

a uma igreja afro-americana e o índice de mercado parece não ser influenciado por este, pois vê-se um pequeno crescimento (Ver gráfico 2.1.1.3). Já no final do ano, a 2 de dezembro de 2015, quando se dá um outro ataque, neste caso no estado norte-americano Califórnia, em San Bernardino o índice decresceu. Neste segundo semestre do ano, sobressai uma grande queda do índice em setembro, lembro que foi neste semestre que Donald Trump anunciou a sua candidatura à casa Branca, o que pode ter abalado a confiança dos investidores no país, uma vez que é considerado um político agressivo e controverso.

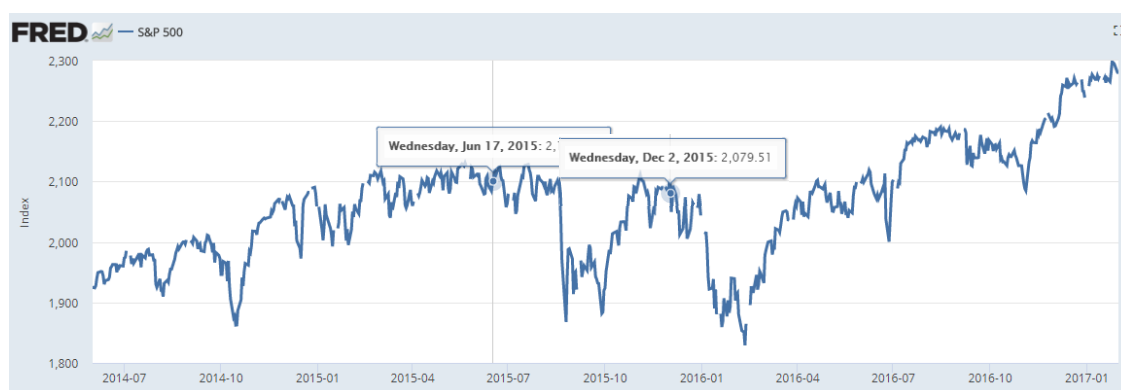


Gráfico 2.1.1.3 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2014-2017)
Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

O mesmo acontece no primeiro semestre de 2016, observa-se uma grande queda no índice, pode-se mesmo dizer que existe um pico no início do ano. Em meados de março verifica-se uma tendência clara de subida até junho. Quando se vê o país a recuperar de várias quedas consecutivas, o cenário volta a inverter-se. A 12 de junho de 2016, um massacre em Orlando, na Flórida afeta o país, fazendo estremecer o mercado acionista que também assiste a uma queda quando se abre a bolsa na segunda-feira após o massacre (ver gráfico 2.1.1.4.) Verifica-se que os mercados querem recuperar, mas voltam a cenário de descida nesse mesmo mês. O contrário acontece no final do ano, a 1 de outubro de 2017 decorre o tiroteio de Las Vegas Strip, um episódio de assassinato em massa ocorrido no estado de Nevada. No entanto os mercados parecem não se preocupar com o acontecimento, a situação é de crescimento e mantêm-se até ao início de 2018 (ver gráfico 2.1.1.4).



Gráfico 2.1.1.4 – Evolução das cotações das empresas constituintes do S&P 500 (2016-2018)
Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

Os Estados Unidos da América tornaram-se num país que já está preparado para eventuais ataques, tanto a nível de segurança, como a nível de políticas e economia. Depois do monstruoso 11 de setembro o país viu-se na obrigação de adaptar medidas extremas e como vemos nos gráficos analisados, o impacto de posteriores ataques não foi significativo.

2.1.2 - Mercado Europeu

Apesar de figurar na lista como um dos países que mais sofrem com as ações terroristas, os Estados Unidos da América não são os únicos a padecer desse mal. Nos últimos anos diversos países foram alvo das ações dos grupos extremistas, o que acarretou a morte de milhares de pessoas.

Só a 11 de março de 2004 é que a Al-Qaeda chegou à Europa, com vários ataques coordenados no sistema ferroviário de Madrid (193 mortos, sendo o atentado mais mortífero levado a cabo pelo terrorismo islâmico na Europa). Desde então, o jihadismo atingiu a França (259 mortos), o Reino Unido (90), a Bélgica (35) e a Alemanha (12). Em Portugal não há vítimas nem atentados a registar.

A Europa vive momentos de elevada exigência em matéria de segurança. O terrorismo constitui uma das mais sérias ameaças à subsistência do espaço europeu e nele tem encontrado oportunidade para manifestações extremistas, radicais e de agressões violentas.

Neste subcapítulo fez-se uma seleção nos países europeus, estudando apenas os mais afetados pelos atentados terroristas, assim como os grandes motores da Europa, como a Alemanha, Inglaterra, França, Bélgica e Espanha. Sendo que a análise é feita por ordem cronológica dos atentados terroristas nestes mesmo países.

Para a análise a França, o índice de mercado estudado é o CAC 40, visto este ser o principal índice do país onde constam as 40 principais empresas cotadas em bolsa. Uma série de ataques invadiu o sul de França de 11 a 19 de março de 2012. De acordo com o gráfico 2.1.2.1, verifica-se que o CAC 40 no dia 12 de março de 2012 continuou a evoluir positivamente, mas foi por pouco tempo, seguidamente dá-se uma tendência de descida até julho do mesmo ano.



Gráfico 2.1.2.1 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Fonte: Euronext

Na capital da União Europeia, em Bruxelas, um homem dispara na entrada de um museu a 24 de maio de 2014, as cotações mantêm-se sem tendência clara de subida ou descida. Períodos a seguir, verifica-se uma queda acentuada. No início de 2015 a sua tendência é novamente de subida (ver gráfico 2.1.2.2).

Uma dupla explosão no aeroporto e uma outra explosão na estação de metro em Bruxelas, provocaram pelo menos 34 mortos a 22 de março de 2016, o que afetou ligeiramente o mercado acionista, uma vez que neste mesmo dia o índice desceu e nos dias seguintes a descida é ainda maior. Contudo, verifica-se que pouco tempo depois os mercados tendem a recuperar, existindo algumas subidas temporárias nas cotações, visto que em junho e julho volta a ter duas quedas acentuadas (ver gráfico 2.1.2.2).

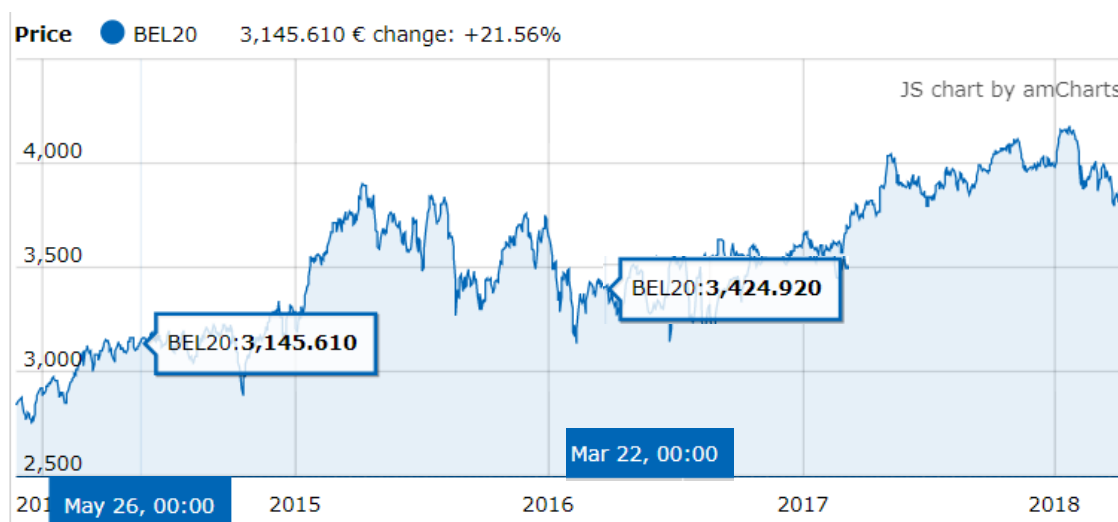


Gráfico 2.1.2.2 – Evolução do índice BEL 20 (2013-2018)

Fonte: Euronext

Com uma série de ataques a ocorrer contra o semanário satírico Charlie Hebdo a 7 de janeiro de 2015, o ano começou com queda generalizada no mercado acionista francês. Contudo os investidores foram ganhando otimismo, uma vez que após os atentados terroristas em janeiro, o índice de mercado foi aumentando progressivamente. Com o país a viver um dos maiores dramas nos últimos 5 anos, os atentados cometidos em Paris - na sala de concertos Bataclan, em vários bares e restaurantes no centro da capital e perto do Estádio de França, onde causam 30 mortos e mais de 350 feridos. O primeiro dia de negociações, 13 de novembro de 2015, o índice de mercado acionista francês, o CAC 40, caiu após a abertura, mas conseguiu voltar a subir nos dias seguintes. A queda mais acentuada ocorre em fevereiro de 2016 (ver gráfico 2.1.2.3).



Gráfico 2.1.2.3 – Evolução do índice CAC 40 (2013-2018)

Fonte: Euronext

Pode-se observar no gráfico 2.1.2.4 uma queda após o atentado de 14 de julho de 2016 quando um caminhão colidiu contra uma multidão em Nice que assistia ao fogo de artifício do dia nacional de França. O mesmo se confere no de 3 de fevereiro de 2017, com ataque a um grupo de soldados à entrada do Museu do Louvre, em Paris. Conclui-se que a queda é momentânea, uma vez que as cotações aumentam logo a seguir. Contrariamente, no dia 27 de julho de 2016 as cotações apresentam uma subida, seguida de queda.



Gráfico 2.1.2.4 – Evolução do índice CAC 40 (2016-2018)

Fonte: Euronext

A Alemanha, conhecida como o motor da União Europeia parece não se deixar afetar pelos atentados decorridos no próprio país. Esta foi atacada duas vezes no ano 2016, a 18 de julho e a 19 de dezembro e não foi razão para que o índice DAX 30 não aumentasse nesses dias (ver do gráfico 2.1.2.5). Uma das razões que pode justificar este facto será por este país apresentar uma economia forte e segura, e deste modo, os investidores continuam a ter confiança no mercado acionistas alemão bem como a investir neste.



Gráfico 2.1.2.5 – Evolução Deutsche Boerse AG German Stock Index DAX 30 (2013-2018)
Fonte: Bloomberg Markets

No decorrer do ano 2017, Inglaterra foi atacada três vezes em meses quase consecutivos, a 22 de março de 2017 os mercados acionistas fizeram-se ressentir com um decréscimo. Observa-se que o cenário não se repete no atentado de 22 de maio de 2017 (com lugar em Manchester). A 3 de junho de 2017 (Ponte de Londres), os mercados voltam novamente a cair, neste caso a queda ainda é significativa, esteve cerca de uma semana em decréscimo. Uma das razões que pode justificar que o atentado de 22 de maio de 2017 não tivesse impacto no índice FTSE 100 é o facto de ter ocorrido fora da capital, Londres, enquanto que os outros dois foram praticados em plena cidade londrina. (Ver gráfico 2.1.2.6)

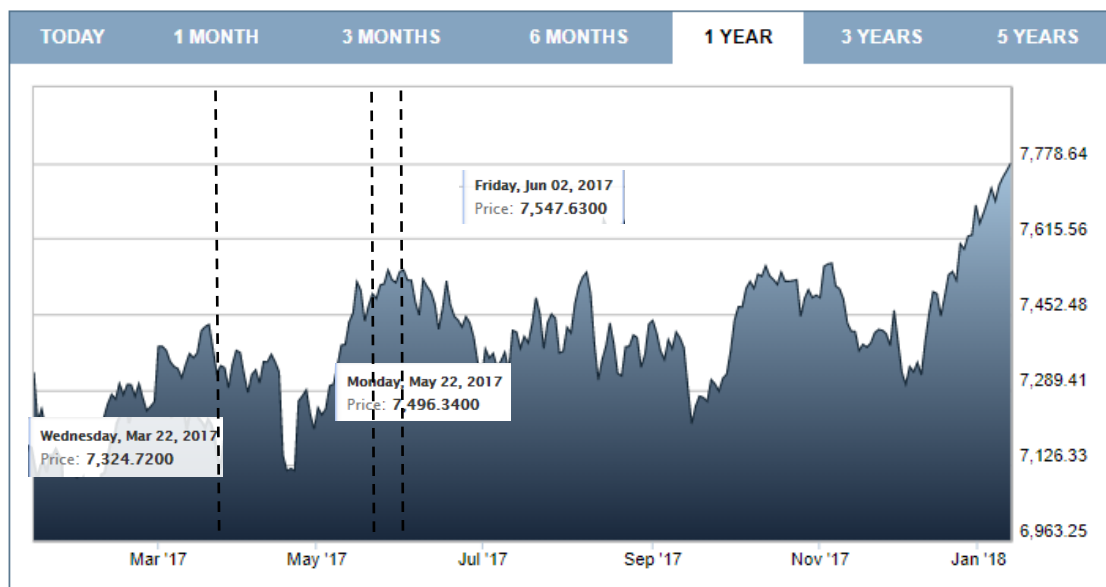


Gráfico 2.1.2.6 – Evolução do índice FTSE 100(2017-2018)

Fonte: London Stock Exchange

De acordo com o gráfico 2.1.2.7 a evolução do índice de Espanha, o IBEX 35 alcançou um mínimo a julho de 2016, desde aí a sua tendência foi de crescimento, alcançando o seu máximo a maio/junho de 2017. Há algumas quedas e subidas temporárias nas cotações, mas a sua tendência tem vindo a ser de decréscimo. O ataque ocorreu em Barcelona, quando um homem atropelou propositadamente a multidão que passearia na La Rambla, matando 13 pessoas e ferindo pelo menos outras 100 no dia 17 de agosto de 2017. Neste mesmo dia o índice das cotações espanholas apresenta uma subida temporária, no entanto, posiciona-se no período de queda. Verifica-se que o índice tem vindo a decrescer muito pelos acontecimentos que se viveram no final do ano de 2017/início de 2018, à instabilidade política do país com a independência da Catalunha.



Gráfico 2.1.2.7 – Evolução do índice IBEX 35 (2016-2018)

Fonte: BME – Bolsa y Mercados Españoles

2.2 - Mercado Cambial

O mercado cambial é o mercado onde se transaciona moeda nacional por moeda estrangeira e vice-versa (Leão Emanuel, Pedro Leão e Sérgio Lagoa, 2011: 214).

A cotação de uma moeda depende da procura e oferta da mesma bem como da moeda estrangeira. Se houver um aumento da procura de euros no mercado cambial, haverá uma apreciação do euro.

Fatores determinantes da taxa de câmbio: fundamentais (Variáveis que traduzem a “qualidade” da economia e que são muitas vezes sugeridas pela teoria económica.) e Especulação de curto prazo.

2.2.1 - Taxa de câmbio USD/EUR e USD/UK

Fazendo a análise aos dados dos Estados Unidos da América, que a sua moeda é expressa em dólar americano pode-se verificar que no atentado de 5 de novembro de 2009 o dólar americano valorizou comparativamente ao euro como também à moeda do Reino Unido (a libra) (ver gráfico 2.2.1.1). Já na série de atentados a 15 e 17 de abril de 2013 foi invertido o perfil ascendente observado anteriormente em que a moeda americana teve uma queda, ou seja, desvalorizou relativamente ao euro e à libra (ver gráfico 2.2.1.2).

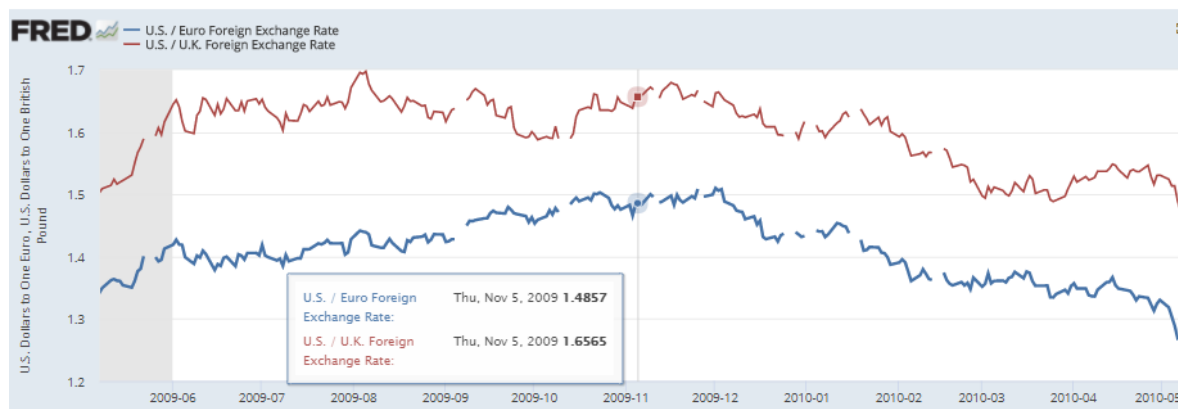


Gráfico 2.2.1.1 – Evolução das taxas de câmbio (2009-2010)

Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

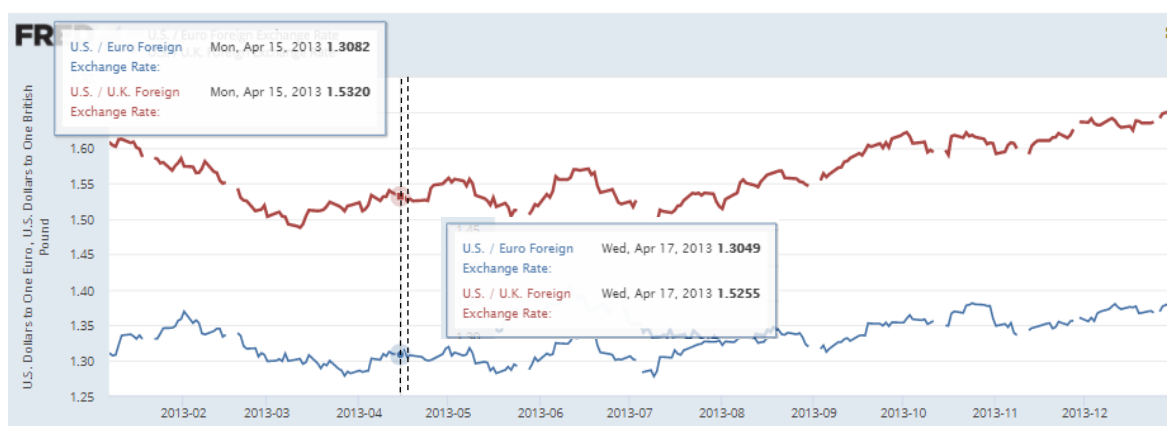


Gráfico 2.2.1.2 – Evolução das taxas de câmbio (2013-2014)

Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

A 17 de junho de 2015 consta-se que a moeda norte-americana valorizou relativamente à moeda europeia e à moeda inglesa, no entanto, a valorização foi menos perceptível na Cotação Cambial entre Dólar norte-americano e Euro. Ao passo que nos últimos três atentados terroristas a tendência é o dólar americano desvalorizar quando comparado com o euro e com a libra. Pode-se observar que a maior queda do dólar americano quando comparada com o euro foi no dia 13 de junho de 2016, desde então, a moeda apresenta um cenário de decréscimo com algumas subidas e descidas temporárias. Quando a moeda começa a dar sinais de valorização, a meados de 2017 eis que volta a ser derrubada a finais de setembro e inícios de outubro (2 de outubro com um novo atentado terrorista a fazer-se sentir no estado norte-americano Nevada). O cenário é idêntico quando analisamos o câmbio entre o dólar e a libra, apesar da sua queda não ter sido tão acentuada em junho, decrescendo no resto do ano até meados de 2017. A subida é mais

acentuada no USD/GBP do que USD/EUR. Voltando novamente a períodos de decréscimo em outubro (ver gráfico 2.2.1.3).



Gráfico 2.2.1.3 – Evolução das taxas de câmbio (2015-2018)
Fonte: Federal Reserve Economic Data of St. Louis

2.2.2 - Taxa de câmbio EUR/USD e EUR/UK

No mercado europeu analisemos as duas moedas mais importantes, que é o Euro a representar a União Europeia e a libra a representar o Reino Unido. Parece que neste caso os resultados são unânimes, em todos os dias que ocorreram ataques terroristas nos países europeus (França e Bélgica) no período de tempo de 2012 e 2015, a moeda Euro desvalorizou comparativamente com o dólar americano e à libra. Observa-se que a sua desvalorização é mais significativa quando comparada com o dólar americano do que quando comparada com a libra. (Ver gráfic 2.2.2.1.)

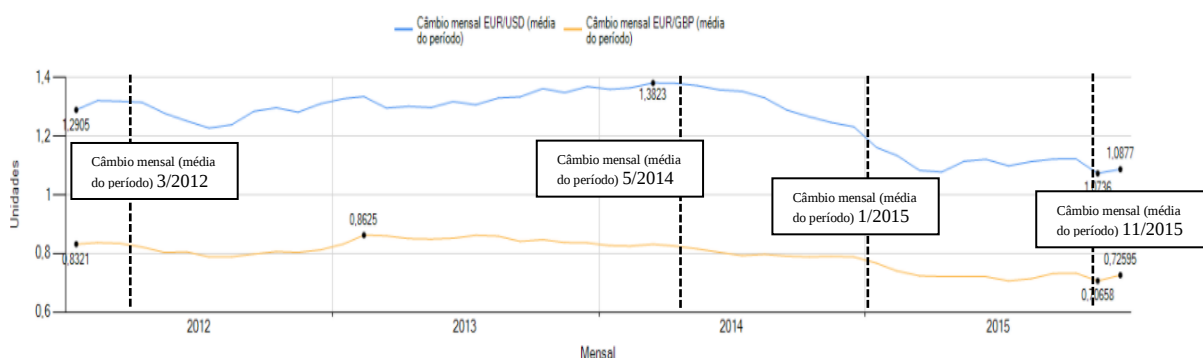


Gráfico 2.2.2.1 – Evolução das taxas de câmbio (2012-2015)
Fonte: Banco de Portugal

No atentado de março de 2016 em Bruxelas verifica-se que o euro desvalorizou ligeiramente relativamente ao dólar, inversamente ao que acontece quando comparado com a libra (valorização ligeira do euro). O mesmo se sucede em julho, com a Europa a ser atingida três vezes neste mesmo mês (França e Alemanha). Em dezembro de 2016 consta-se o mínimo da cotação de câmbio EURO/USD, após o atentado em Berlim. Observa-se ainda que, neste mesmo período, o câmbio EUR/GBP também diminui.

Verifica-se que quando o alvo é Inglaterra, a taxa de câmbio mensal EUR/GBP aumenta, o que significa que a moeda (libra) onde ocorreu o atentado (Inglaterra) desvalorizou. No caso particular de março de 2017, observa-se de seguida que a cotação cambial EUR/GBP sofre um decréscimo, ou seja, o posicionamento da libra recuperou de imediato. Já em maio e junho de 2017 a tendência é de queda para a moeda do reino unido e de valorização para o euro, consta-se ainda que o euro valoriza nessa mesma altura comparativamente com o dólar americano. Em agosto, com Espanha a ser o alvo principal, assiste-se a uma subida da cotação cambial EUR/USD e EUR/GBP. No entanto, esta última sofre de seguida uma queda. (ver gráfico 2.2.2.2)

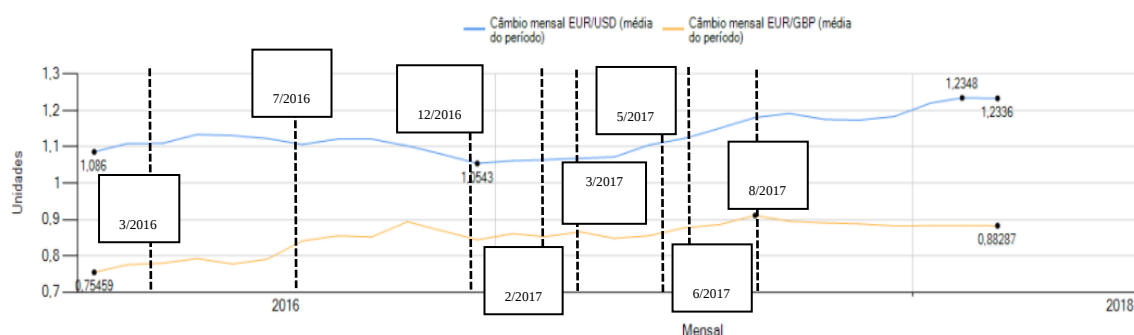


Gráfico 2.2.2.2 – Evolução das taxas de câmbio mensal – em que os valores são as médias dos períodos (2016-2017)

Fonte: Banco de Portugal

Capítulo III - Análise de Setores

Um setor agrupa atividades produtivas que geram bens e serviços que satisfazem necessidades e desejos semelhantes.

Podemos visualizar os mercados através da lente de Índice de Setor. Os índices de setor fornecem ferramentas precisas para ajudar o investidor a procurar segmentar um mercado, diversificar um portfólio ou gerir o risco. As informações que fornecem podem ser valiosas

para os investidores que procuram acompanhar os movimentos dos índices setoriais por risco potencial e retorno.

Segundo Marc Chesney, Ganna Reshetar, Mustafa Karaman (2011), os ataques terroristas têm impacto negativo nos índices das indústrias de seguros, viagens, companhias aéreas, petróleo e gás, financeiras e bancárias. O setor dos seguros e a indústria aérea exibem a maior suscetibilidade ao terrorismo, enquanto o setor bancário é o menos sensível. Embora os mercados entendam esses eventos como incomuns, não os vêem como duradouros.

Os sistemas bancários globais/setores financeiros foram negativamente afetados, no entanto, esse efeito foi menor nos Estados Unidos da América, uma vez que estes têm um setor bancário/financeiro estável. O que poderá justificar é o facto do Federal Reserve System (Fed) ter tomado medidas políticas monetárias mais flexíveis e adequadas para fornecer liquidez através da banca e setor financeiro, ajudando a estabilizar a economia, e consequentemente oferecendo estabilidade aos mercados e minimizando o pânico dos investidores. Por esta razão o mercado americano demonstra resiliência a estes fenómenos comparado com outros países da Europa.

As economias com setores financeiros mais sólidos são consideradas mais fortes. A compreensão da natureza do terrorismo e da magnitude dos seus efeitos é um pré-requisito para a criação de políticas económicas que visa impedir o pânico e reduzir a vulnerabilidade de uma economia por conta de atentados (Chen e Siems -2004).

3.1 - Caso EUA

A seguinte análise é com base na tabela 3.1., onde contempla dados desde o ano 2000, período de tempo onde está inserido o atentado de 11 de setembro de 2001 de dimensão extrema, que por essa mesma razão não se pode comparar com posteriores ataques. No mercado acionista e cambial o estudo realizado apenas teve em conta o intervalo de tempo de dez anos (2008-2018). Porém, na análise aos setores, pelo facto de haver disponibilidade de dados desde 2000, faz-se uma pequena análise a este período.

Como se pode observar na tabela 3.1., no ano do catastrófico atentado de 11 de setembro de 2001, os setores que mais se ressentiram foram o Information Tech, Utilities e Telecom Svc (do mais influenciado para o menos). Ainda houve queda em mais cinco setores (Health Care, Energy, Financials, Consumer Staples e Industrials). No ano seguinte, em 2002 esse efeito foi

ainda mais saliente, houve uma queda ainda maior que em 2001 no peso de todos os setores de atividade. Em 2003 assiste-se à recuperação de todos os setores, é importante referir que o setor que teve maior queda (Information Tech) em 2002 foi também o que maior recuperação teve.

Em 2008 observa-se uma linha horizontal toda pintada de vermelho, registam-se quedas em todos os setores de atividade aqui inseridos. A causa não foi ataque terrorista, mas sim a uma crise financeira (Crise do Subprime). No ano seguinte à crise (2009), o país mostrou recuperação em todos os setores, nesse mesmo ano os Estados Unidos da América foram atingidos a 5 de novembro de 2009, porém, observa-se que nenhum setor se deixou afetar pelo atentado.

Em 2013 a linha volta a pintar-se de verde, no entanto, salienta-se o facto dos Telecom Svc baixar ligeiramente o seu peso. Em 2015, o cenário é diferente, todos os setores apresentaram quedas à exceção do Telecom Svc. Os setores que mais saíram prejudicados foram o Utilities, Health Care, Materials, Financials e Energy. Apesar de 2016 ter sido um ano de atentados, não se refletiu na posição dos setores, uma vez que todos eles subiram o seu peso, à exceção Health Care. Em 2017, sem poderem recuperar em termos de atentados terroristas, os setores que sofreram uma pequena queda foram o Energy, Financials e Materials. Ao contrário dos restantes que apresentam todos subidas.

De um modo geral, no mercado americano, os setores que mais saíram prejudicados neste período de tempo estudado (do ano 2000 ao ano 2017) foram o Financials, Energy e Materials.

MSCI USA IMI SECTOR INDEXES: ANNUAL TOTAL RETURNS AND ANNUALIZED VOLATILITY (2000-2016)

	Energy	Materials	Industrials	Consumer Discr	Consumer Staples	Health Care	Financials	Information Tech	Telecom Svc	Utilities	Real Estate ¹	USA IMI
2000	26.75%	-11.96%	4.81%	-23.60%	17.30%	36.60%	26.74%	-42.07%	-43.71%	55.78%		-10.62%
2001	-10.92%	4.93%	-4.12%	4.19%	-4.37%	-11.85%	-4.68%	-27.28%	-19.31%	-26.65%		-11.02%
2002	-9.84%	-8.98%	-23.05%	-23.22%	-4.51%	-21.34%	-11.16%	-39.30%	-35.75%	-26.15%		-21.65%
2003	25.22%	36.52%	33.82%	38.97%	14.18%	19.85%	31.87%	50.68%	7.95%	26.74%		31.01%
2004	33.28%	16.96%	19.65%	13.99%	9.46%	4.37%	13.68%	1.63%	18.73%	23.37%		12.32%
2005	35.14%	4.05%	4.85%	-3.99%	4.37%	8.51%	6.20%	3.08%	-1.85%	15.01%		6.41%
2006	21.16%	19.86%	14.74%	16.61%	15.04%	6.78%	19.60%	9.18%	37.33%	21.61%		15.70%
2007	34.49%	26.48%	14.21%	-11.57%	13.90%	8.06%	-17.86%	15.06%	10.80%	17.50%		5.78%
2008	-36.94%	-46.51%	-40.01%	-38.01%	-16.38%	-23.36%	-49.25%	-42.77%	-32.94%	-27.95%		-36.98%
2009	19.40%	52.31%	22.74%	46.84%	15.55%	22.26%	14.42%	62.27%	12.60%	11.62%		28.72%
2010	20.97%	24.67%	27.54%	30.89%	14.48%	5.97%	14.92%	12.81%	17.92%	7.20%		17.17%
2011	3.51%	-8.79%	-1.49%	3.81%	14.06%	10.76%	-14.22%	0.64%	4.57%	19.10%		1.23%
2012	3.66%	17.42%	17.03%	24.89%	10.89%	19.36%	26.46%	14.30%	18.76%	2.07%		16.41%
2013	25.68%	24.94%	41.45%	43.78%	27.45%	42.86%	33.10%	30.95%	14.70%	15.13%		33.39%
2014	-9.74%	5.81%	6.61%	9.45%	15.91%	25.44%	14.12%	18.25%	2.55%	27.07%		12.51%
2015	-23.05%	-10.17%	-3.54%	6.55%	5.80%	7.20%	-0.52%	5.13%	3.46%	-4.74%		0.64%
2016	27.47%	21.59%	20.85%	6.75%	6.11%	-3.28%	24.93%	13.90%	23.68%	17.67%		12.66%
17-Yr Ann Volatility	21.06%	21.37%	18.28%	18.98%	11.38%	13.70%	20.20%	26.30%	20.43%	15.52%		15.40%

¹ Real Estate was added as a new sector effective September 1, 2016, elevating its position from the Industry Group within the Financial Sector. For more information visit msci.com/gics

Figura 3.1– Percentagem dos setores anual (2000-2017)

Fonte: Morgan Stanley Capital International (MSCI)

3.2 - Caso Europa

França

França ao ser confrontada com atos terroristas a março de 2012, foi motivo para que todos os setores do país registrassem decréscimos. Constata-se que os menos afetados são Health Care, Real Estate e Consumer goods. Já os que notaram mais influência terão sido os Oil & Gas, Industrials, Telecommunications e Financials. Em 2015, num primeiro ataque a abrir o ano (7 a 9 de janeiro) a maioria dos setores apresentam tendência de subida. Porém, nos setores Oil & Gas, Financials observa-se uma ligeira queda. No segundo ataque, a 13 de novembro França, a maioria dos setores exibem pequenas descidas percentuais, à exceção do Health Care que manifesta tendência de subida nesse período.

A meados de 2016 (série de ataques terroristas a 4 e 27 de julho de 2016) verifica-se que os setores Technology e Financials foram os mais afetados. Em 2017 assiste-se a pequenas quedas

nos setores Financeiros, Health Care, Oil & Gas, os restantes setores evoluem com tendência de subida. (Ver gráficos 3.2.1. e 3.2.2.)

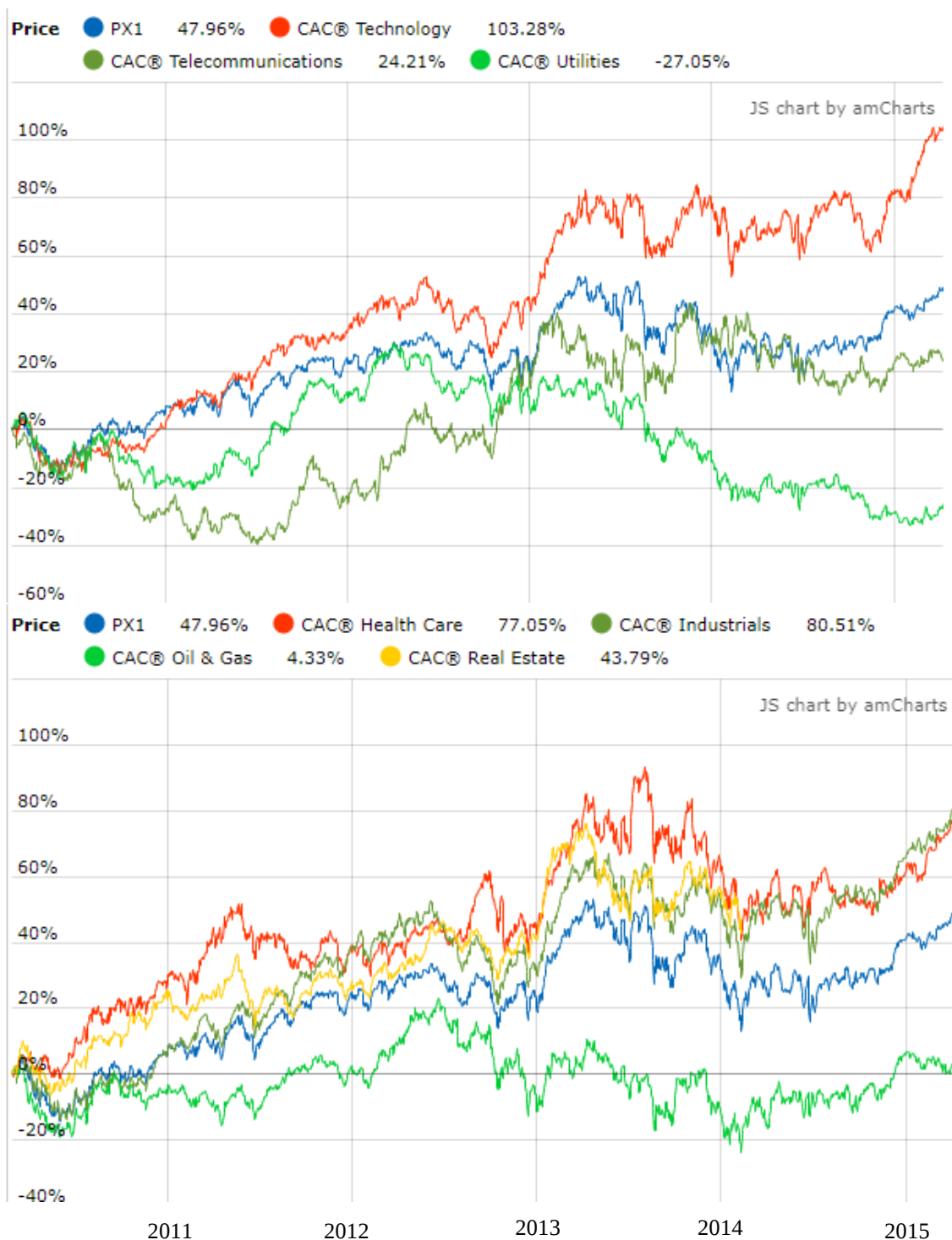


Gráfico 3.2.1 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Fonte: Euronext

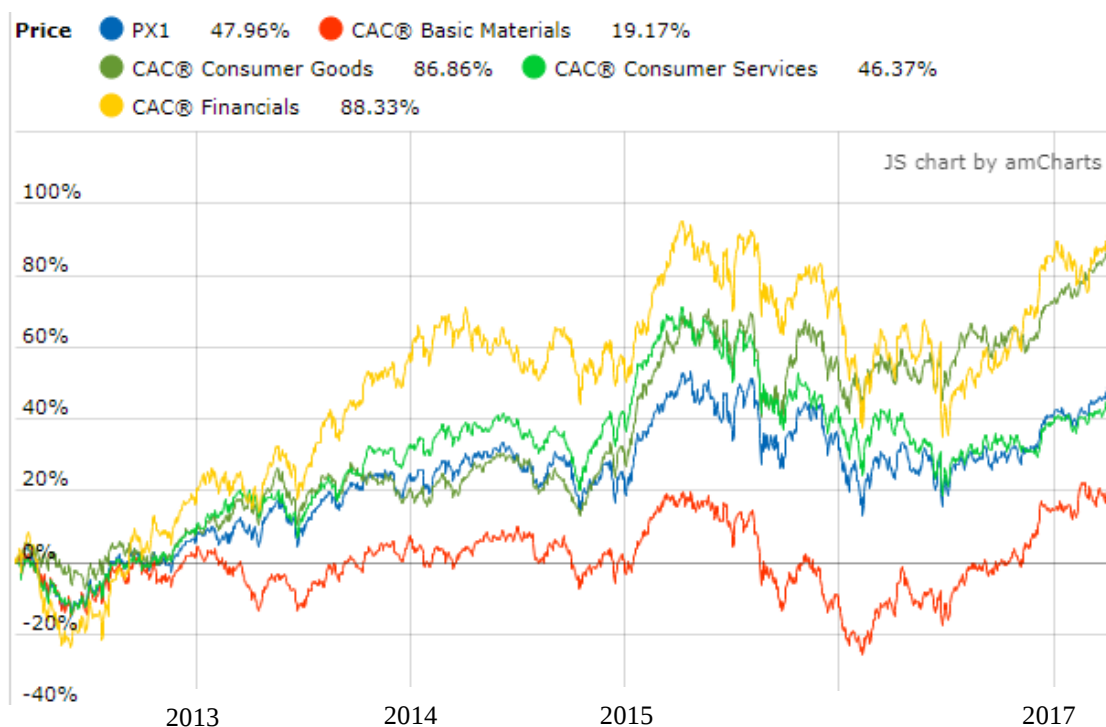


Gráfico 3.2.2 – Evolução do índice CAC 40 (2011-2015)

Fonte: Euronext

Bélgica

Bruxelas foi atingida por terroristas no dia 24 de maio de 2014. Em maio a maioria dos setores não apresentam tendência de subida e descida clara. Contudo, observa-se o setor Consumer Services em ligeira queda neste período. O setor Industrials apresenta também uma queda no período do atentado, porém, este decréscimo prolonga-se no tempo, durante o ano de 2014 (efeito de médio prazo). Inversamente ao que acontece ao setor Health Care, que mostra tendência de subida neste mesmo período. Nada se conclui relativamente aos efeitos de um atentado terrorista no setor Health Care, uma vez que este tem um comportamento variável, a 22 de março de 2016, pode-se observar uma tendência de descida. Esta variação de comportamento teve outros fatores, como por exemplo, macroeconómicos. O setor dos Consumer Goods apresenta uma pequena queda a 22 de março de 2016 (Ver gráfico 3.2.3. e Gráfico 3.2.4.).

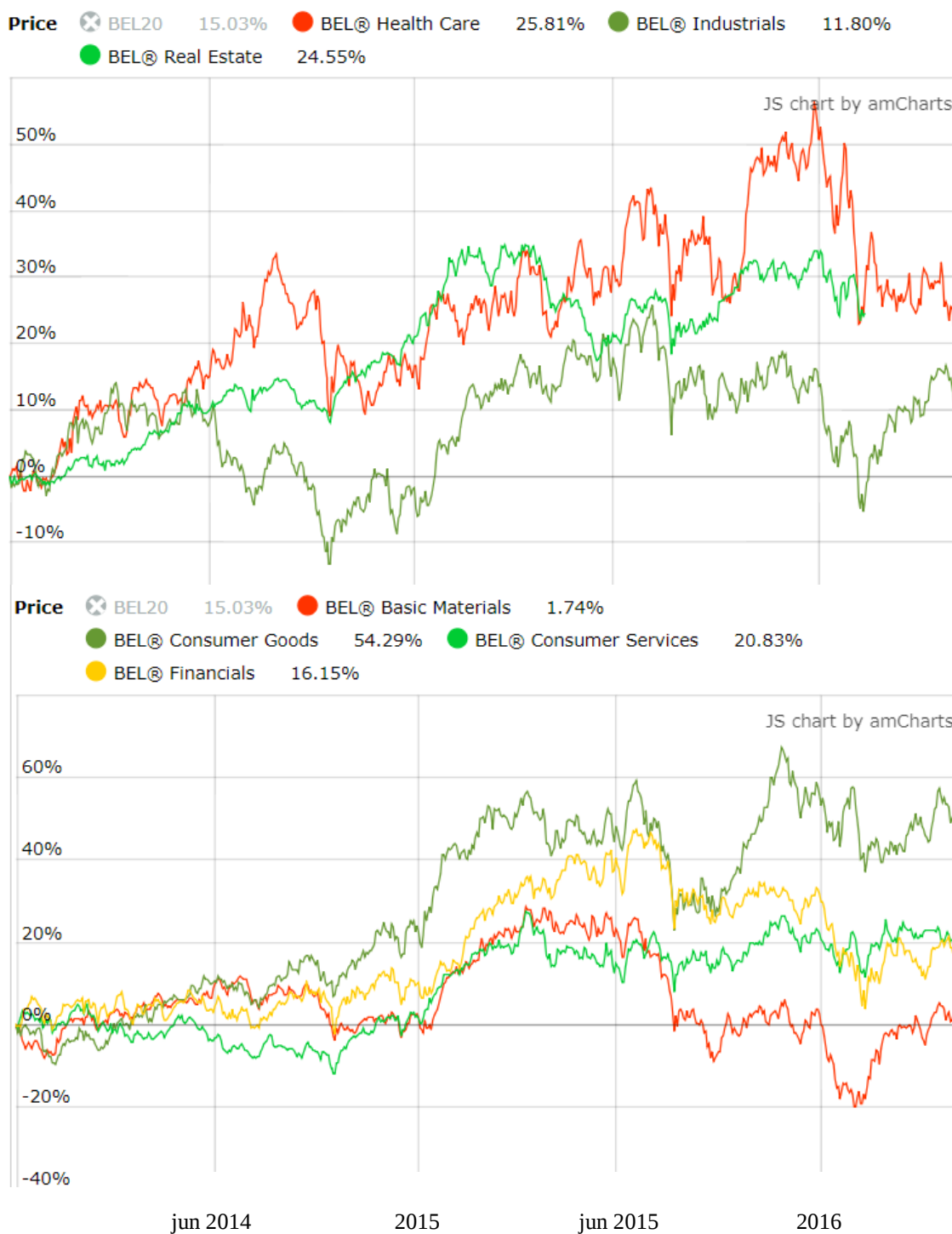


Gráfico 3.2.3 – Evolução do índice BEL 20 (2011-2015)

Fonte: Euronext

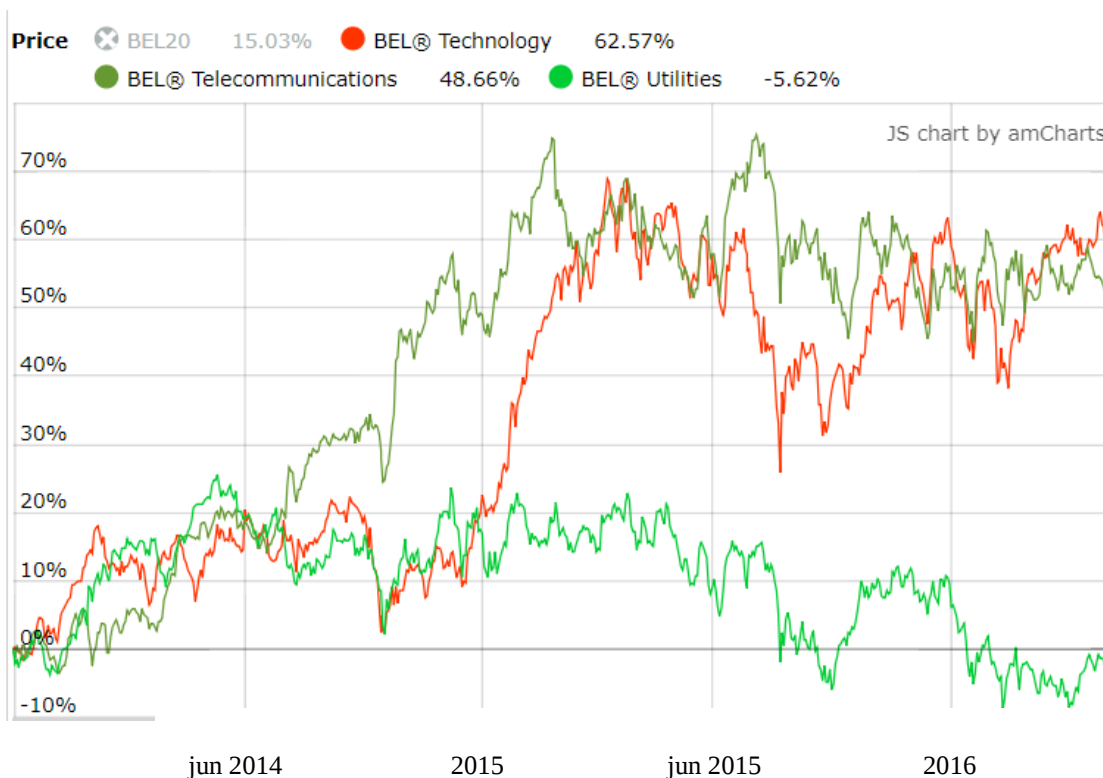


Gráfico 3.2.4 – Evolução do índice BEL 20 (2011-2015)

Fonte: Euronext

Espanha

De acordo com Gráfico 3.2.5., em 2017, é perceptível a queda da maioria dos setores de atividade no mês de agosto, mês em que a Catalunha é atingida por terroristas. A maior queda verifica-se nos setores de Serviços Financeiros e Imobiliários e o de Tecnologia e Telecomunicações. Como se sabe, estes setores integram-se nas indústrias cíclicas, ou seja, têm uma sensibilidade ao ciclo económico acima da média. São bens cuja compra pode ser adiada em períodos de dificuldade. O sistema bancário é um setor pró-cíclico, exibindo uma considerável sensibilidade ao ciclo económico. Em contrapartida consta-se que os setores dos Materiais Básicos, Indústria e Construção e o setor do Petróleo e Energia no final do mês apresentam uma ligeira subida, uma vez que são bens essenciais para o dia-a-dia da população, são setores defensivos, o que significa que têm uma sensibilidade ao ciclo económico abaixo da média.

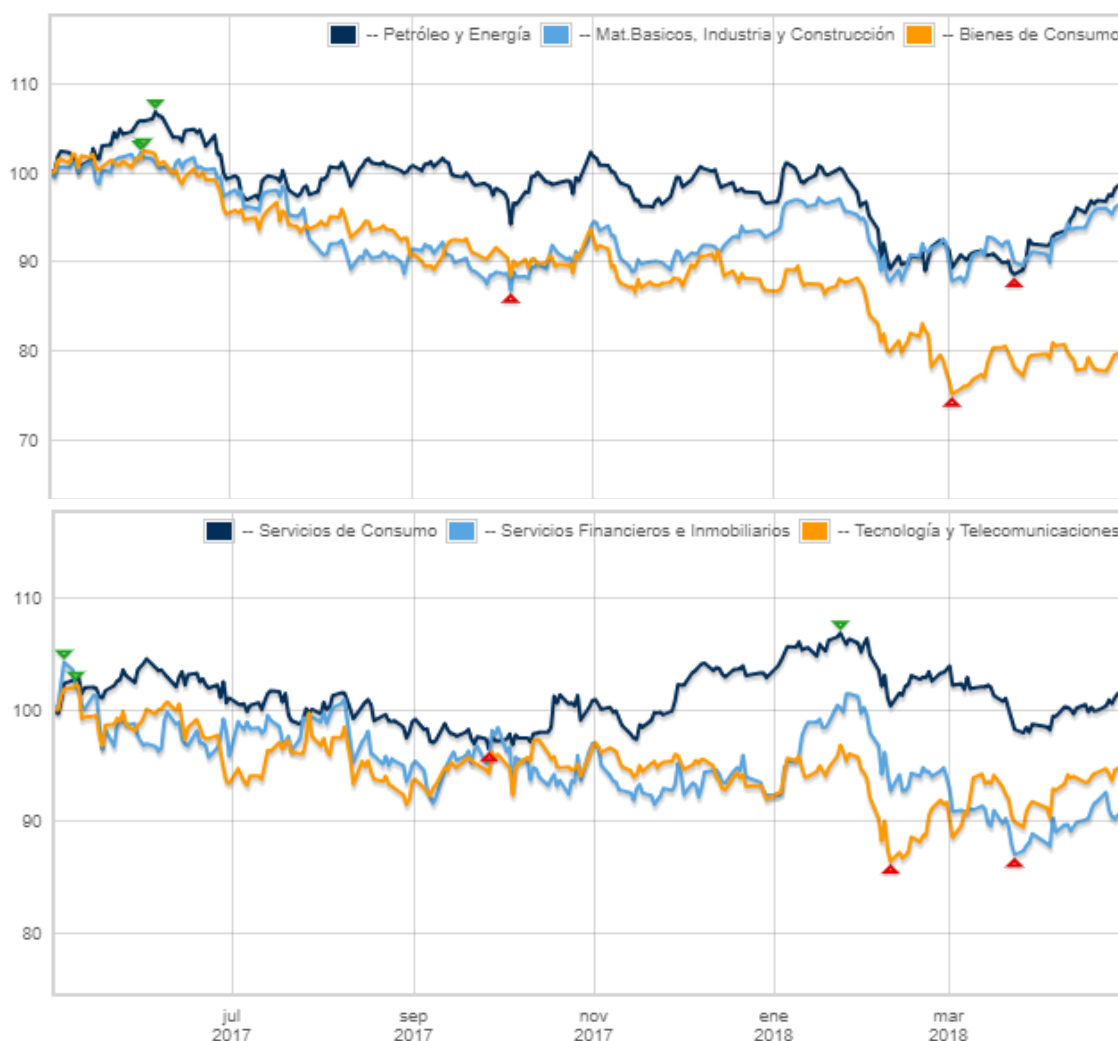


Gráfico 3.2.5 – Evolução dos Setores Espanhóis (2017-2018)
Fonte: BME – Bolsa y Mercados Españoles

Capítulo IV – Portugal e os Atentados Terroristas

Centrando a atenção no caso de Portugal, antes de proceder à análise dos possíveis efeitos a este país, será feita de forma sucinta uma contextualização económica do país.

De acordo com as projeções apresentadas no Boletim Económico disponibilizado pelo Banco de Portugal, o processo de expansão da economia portuguesa deverá manter-se nos próximos anos. A atividade económica continuará a apresentar um perfil de crescimento ao longo do horizonte de projeção, embora a um ritmo progressivamente menor.

Portugal tem sido um verdadeiro paraíso no que toca ao tema do terrorismo: nenhum atentado e poucos aderentes nacionais ao Estado Islâmico. A procuradora-geral adjunta assume que a situação de Portugal ao nível do terrorismo é de ameaça moderada e alerta que todos nós temos que ter consciência de que em matéria de terrorismo não existe risco zero.

4.1 – Questionário

Tendo em conta o objetivo proposto, o estudo é baseado em metodologias de investigação quantitativas, recorrendo a questionários online como instrumento de recolha de dados, pretende-se recolher dados numéricos e medições objetivas, com o objetivo de generalizar para outros grupos de pessoas ou para explicar um fenómeno particular.

Com esta operação estatística, pretende-se avaliar os possíveis impactos de um eventual ataque terrorista em Portugal, procurando identificar quais os setores que teriam maior dificuldade em enfrentá-lo.

O público-alvo é constituído por consultores/economistas/gestores das Big Four (KPMG, PwC, EY e Deloitte), bancos (Millennium BCP, BPI, Santander Totta, BNP Paribas, Crédito Agrícola e Caixa Geral de Depósitos) e Banco de Portugal. Considera-se pertinente este público-alvo pelo facto de lidar diariamente com as informações financeiras, de conhecimento e experiência com mercados financeiros.

O tipo de questionário é autoadministrado, ou seja, completado pelo próprio indivíduo via internet. As questões são de resposta fechada e obrigatória, estão elaboradas por escala ordinal (a informação é apresentada sob a forma de categorias admitindo ordenação) e escalas nominais (a informação é apresentada sob a forma de categorias mutuamente exclusivas).

Relativamente à recolha de dados primários, estes foram obtidos através de um questionário e o seu *link* foi divulgado através da rede social LinkedIn. As respostas foram recolhidas entre 26 de março e 4 de maio de 2018, sendo que se obteve um total de 214 questionários completos. A construção do questionário e a recolha de dados foi suportada pelo Qualtrics online software.

A análise de conteúdo baseia-se em análise de ocorrências, o que permite indicar com que frequência ocorre determinada categoria. Após a recolha de dados suportada pelo Qualtrics online software, estes foram analisados quantitativamente através da utilização do software Microsoft Excel. O que permitiu a elaboração de gráficos circulares, os quais fornecem a leitura de dados com os valores que ele representa com número concreto, ou seja, permite saber

exatamente quantos inquiridos responderam a cada opção, como também mostra a respetiva representação percentual e, deste modo obtém-se uma comparação entre as diversas respostas seleccionadas.

4.2 - Análise de Dados

Caso Portugal – Mercado Acionista

No Anexo A1 disponível no Anexo I, é possível verificar que os 214 inquiridos (100%) consideram que os atentados terroristas têm impacto nos mercados acionistas, mais concretamente nos preços das ações (a curto e/ou a longo prazo). Contudo, 4,67% diz ter pouco impacto, ao passo que 58,88% revela algum impacto e 36,45% considera que têm muito impacto. Sendo que a curto prazo, 100% considera que esse impacto seria negativo, ou seja, os preços das ações diminuiriam. Já a longo prazo a maioria 50%, presume que não irá ter impacto, contudo ainda uma boa percentagem de inquiridos, 38,79% admite ter impacto negativo (Anexo B1).

De um modo geral, os atentados terroristas produzem efeito nos preços das ações, no entanto, é de realçar que o efeito seria maior a curto prazo comparativamente a longo prazo.

Apesar de Portugal ainda não ter sido alvo destes acontecimentos trágicos que atingiram a Europa nos últimos anos, nomeadamente, os países vizinhos como a Espanha, França, Alemanha e Reino Unido, não significa que os mercados financeiros portugueses não tenham saído afetados por estes. Como se observa no Anexo C1 disponível no Anexo I, 100 % dos inquiridos consideram que os atentados terroristas no estrangeiro influenciaram o preço das ações no mercado português. Cerca de 56% considera que tiveram alguma influência, 31% pouca influência e 13% muita influência. Portugal pertence à União Europeia (existe uma interligação de políticas e economias entre estados-membros), e tendo em conta que este não é um país com uma economia forte (como é o caso da Alemanha), faz com que um atentado terrorista num dos estados-membros também interfira com alguns mercados em Portugal, os investidores irão optar por mercados mais seguros como os norte-americanos ou asiáticos, afastando-se mais da europa, em especial de países com economias menos fortes. A curto prazo a opinião é indiscutivelmente, uma influência negativa, ou seja, os preços das ações irão diminuir (93%). A longo prazo as opiniões dividem-se, contudo, a maioria considera não ter influência a longo prazo (63%), 25% diz influenciar negativamente e 12% diz influenciar positivamente (ver Anexo D1).

Com o país sob alerta de ataques, os peritos consideram indiscutivelmente que um atentado terrorista em Portugal acarretaria efeitos nos preços das ações portuguesas (100%). A maioria consta algum efeito (47%), 33% considera ter muito efeito e ainda 20% a achar que terá pouco efeito (Ver figura 4.2.1). Perante um atentado terrorista no país, haveria uma menor procura e investimento nas empresas portuguesas, isto porque os investidores teriam insegurança e incertezas, levantando especulações de como estas empresas iriam reagir a um ato deste. De um lado, os investidores não iriam comprar ações, por outro, alguns com o mesmo sentimento (insegurança) iriam vender ações, o que leva à queda do preço das ações da empresa.

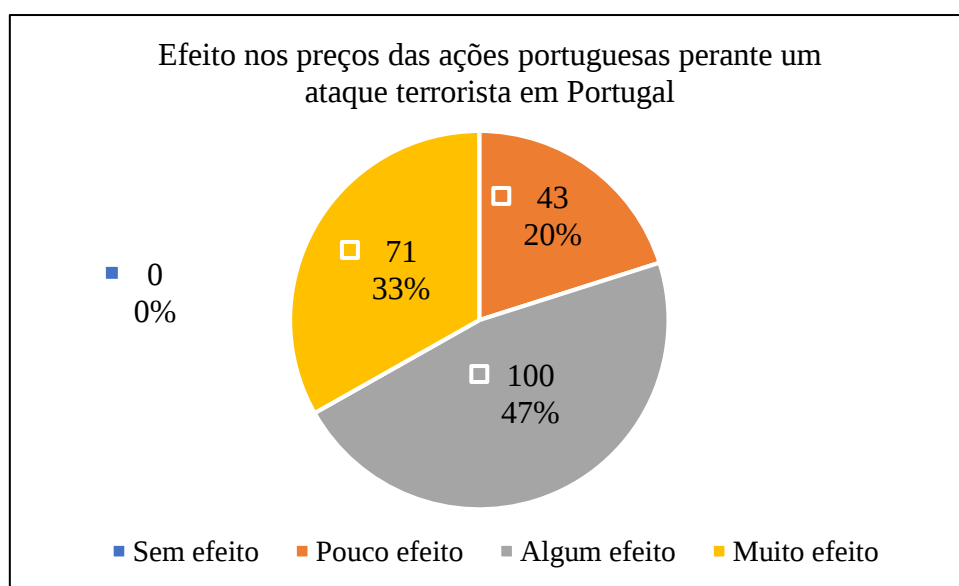


Figura 4.2.1 –Efeito no preço das ações Portuguesas em percentagem e número

Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Podemos observar na figura 4.2.2 que a curto prazo o efeito seria negativo, ou seja, os preços das ações portuguesas iriam sofrer um decréscimo. Já a longo prazo, a maioria opina que não irá acarretar efeito algum, no entanto, a restante percentagem dos inquiridos divide-se, visto que 13% diz que um atentado terrorista em Portugal levará a efeito positivo nos mercados acionistas, ao contrário de 27% que acha que os preços continuaram em queda a longo prazo. O mesmo se verificou nos países europeus, quando foram alvos de atentados terroristas. O investidor tende a reagir de imediato, porém, passado pouco tempo ganha confiança para investir novamente, o que faz com que a médio e longo prazo deixe de ter efeito.

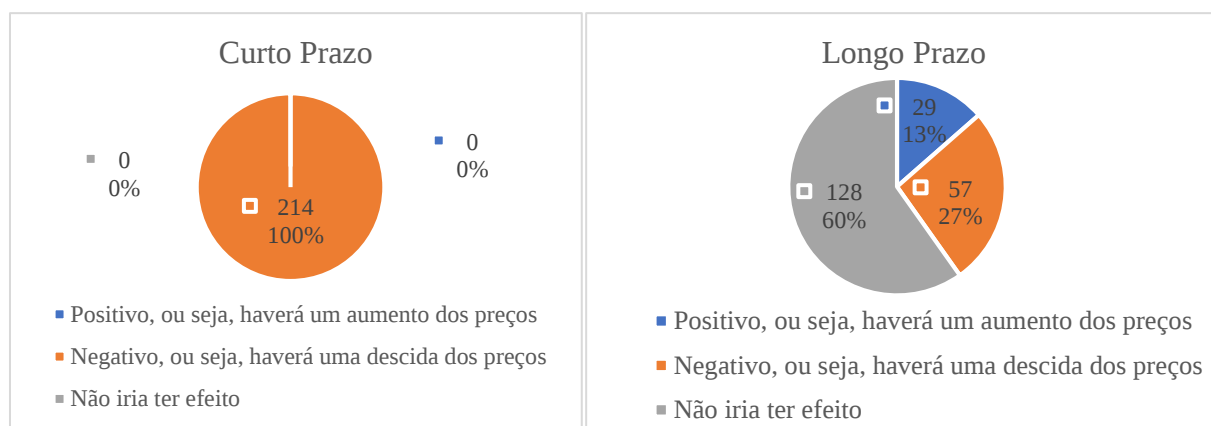


Figura 4.2.2 – Efeito de curto e longo no preço das ações Portuguesas em percentagem e número
Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Um atentado terrorista pode fazer com que os investidores estrangeiros e portugueses reavaliem os seus investimentos. Consequentemente, pode despertar sentimentos como o medo, insegurança e desconfiança no país após este ser uma vítima de atentados terroristas. Segundo os dados do questionário, 100% dos inquiridos admitem que os investidores iriam alterar a sua atitude quando ocorre um fenómeno destes em determinado país, porém, 20% alegam que a atitude alteraria muito e 33% alteraria pouco. (Ver Anexo E1)

Por exemplo, se tal acontecesse em Portugal, seria a primeira vez, e como tal, os investidores iriam ter que lidar com a incerteza de como a economia do país iria reagir. Apesar de Portugal estar a viver um período de estabilidade económica, em que o país tem estado em constante crescimento, isso não implica que este seja um país seguro de investir.

A atitude pode ser distinta no curto e longo prazo. Conforme o Anexo F1 disponível no Anexo I, 80% dos inquiridos pensa que o comportamento de curto prazo será de vender as ações, enquanto que 20% opina que será de compra de ações do país vitimizado. Bom, é de realçar que depende também do país, dado que, existem países considerados como os grandes motores do mundo e que nestes casos, os atentados terroristas podem ser sinonimo de oportunidade de investir nestes países com economias seguras, o que fazem os preços subirem. A longo prazo, o cenário é diferente, posto que 60% afirma que não irá haver alteração na atitude dos investidores. Contudo, 20% diz que o comportamento será de vender e os outros 20% será de comprar ações. O efeito de atitudes como desconfiança, insegurança e medo dos investidores

irão perder força ao longo do tempo, o que leva a que estes procuraram novamente investimentos no país.

Portugal – Mercado Cambial

No que diz respeito ao mercado cambial, grande parte dos inquiridos opinam que um atentado terrorista iria ter influencia neste mercado. Apenas 6% diz que iria ter nenhuma influencia (Ver Figura 4.2.3.).

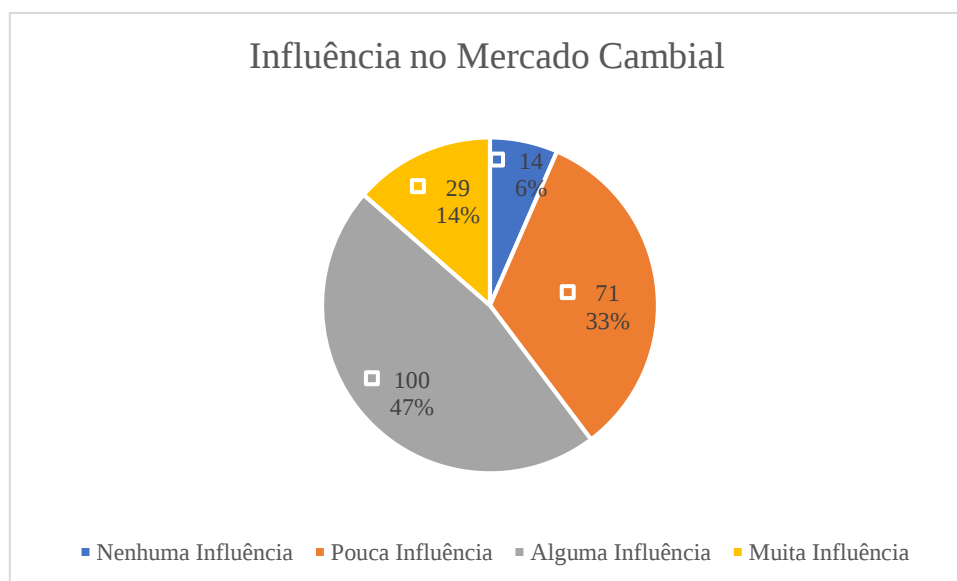


Figura 4.2.3 – Influência no Mercado Cambial Português em percentagem e número

Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Novamente, o mercado reage rápido aos acontecimentos, as pessoas deixam de procurar a moeda portuguesa e, em alternativa, procuram outras moedas como o dólar, a libra. Por exemplo, muitos turistas irão optar por viajar para outros destinos, consequentemente diminuirá o consumo, a procura, o que faz desvalorizar a moeda. Mas rapidamente se recompõe, a longo prazo não terá efeito algum na moeda (Ver Figura 4.2.4.).

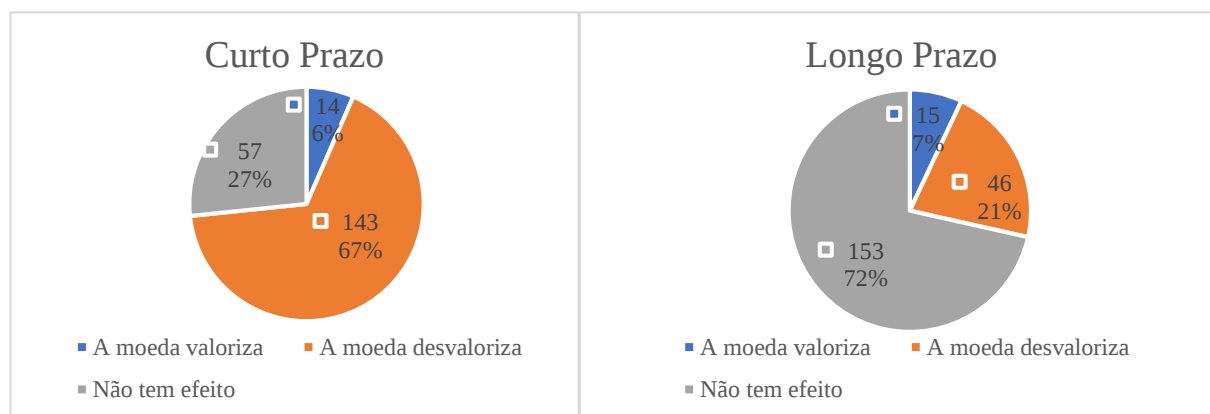


Figura 4.2.4 – Efeitos de curto e longo prazo no Mercado Cambial Português em percentagem e número

Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Portugal – Análise de Setores

Uma outra questão importante colocada aos consultores/gestores/economistas foi quais os setores da economia portuguesa que considerariam ser os mais afetados pelos atentados terroristas, caso ocorresse um fenómeno destes em Portugal, disponibilizando uma lista de setores de atividade. (Lista mencionada na questão número 6 no Anexo II – Questionário)

Através da Figura 4.2.5 sobressaiem os setores do Turismo e o Financeiro (bancos, fundos de investimento, companhias de seguro, e consultoras) ambos com 33% dos inquiridos. Os turistas vindos do estrangeiro iriam escolher outro destino, o que faria diminuir a procura de estadias em Portugal, tal como o consumo em restaurantes, bares, cafés. E portanto, as empresas deste ramo iriam ter uma queda no seu rendimento. Segundo um inquirido no questionário realizado, quem optou por dar uma opinião pessoal sobre o tema abordado, considera que o impacto é tanto maior quanto maior a dependência do setor do turismo da economia do país alvo do ataque.

Os financeiros iriam sofrer através dos efeitos causados à taxa de cambio, menos procura pela moeda portuguesa e mais procura pela estrangeira, bem como nos investimentos. As companhias de seguros também ajudam nesta possível queda no setor financeiro, uma vez que teriam muitas despesas relativamente aos prejuízos que pudessem vir a ser causados a nível de habitações e ao nível de seguros pessoais (morte da pessoa segurada ou danos físicos por exemplo).

Os setores da construção civil e dos transportes (rodoviário, ferroviário, marítimo, aéreo) também eles se depararam com dificuldades em ambiente de terrorismo com 15%, posto que alguns turistas deixariam de viajar para Portugal com receio. Ao passo que a construção civil seria prejudicada pelo facto de haver menos pessoas a construir moradias próprias, os construtores deixariam de ter interesse em investir numa área insegura, como também gerir a incerteza dos possíveis compradores.

Pode também provocar deterioração no setor do comércio (8%), como consequência da influência no setor do turismo. Isto porque não havendo turistas, irá haver uma menor procura e, portanto, menor serão as vendas de produtos comercializados.

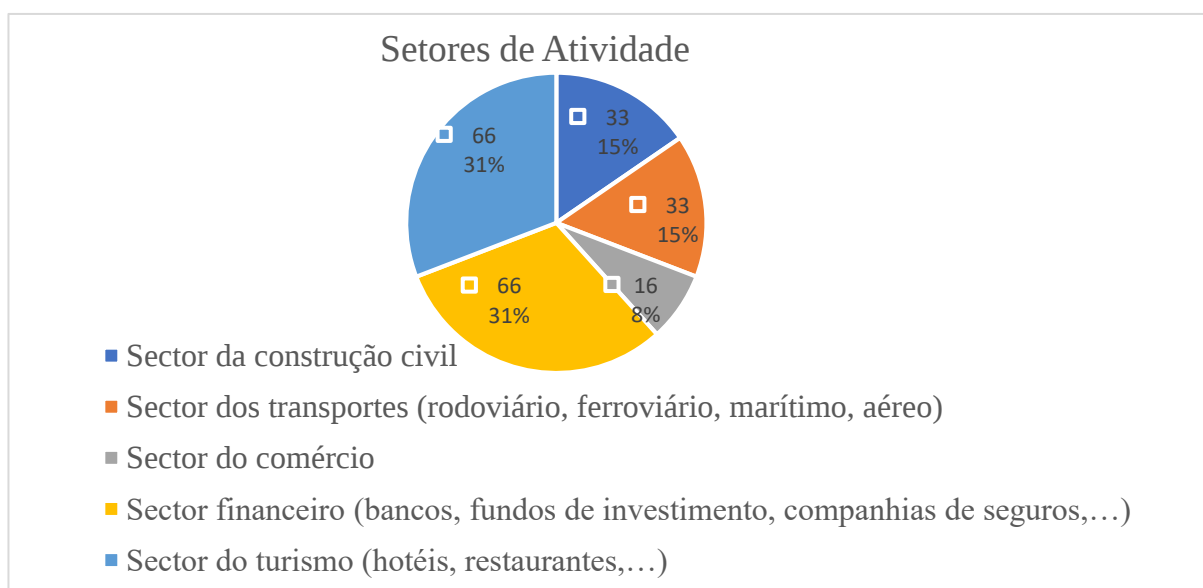


Figura 4.2.5 – Setores de Atividade distribuídos em percentagem e número

Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

O setor turístico português está a crescer muito mais do que a média europeia e é considerado um dos principais motores da economia do país, uma vez que a ele se deve grande parte do crescimento económico alcançado. Os resultados são conhecidos, visto nunca ter havido tantos turistas a visitar Portugal. A acrescentar, Portugal é distinguido com o prémio de Melhor Destino Turístico do Mundo nos World Travel Awards 2017, depois de, em setembro, ter ganho o prémio de melhor destino europeu, sendo a primeira vez que um país europeu ganha esta distinção. Prémios estes que parecem ter incentivado os turistas de todo mundo a viajar até ao

nosso país. É expectável que, o setor da economia que seria mais afetado por um atentado terrorista em Portugal, seja o setor do Turismo.

De acordo com a Figura 4.2.6 disponibilizada pelo Instituto Nacional de Estatística, o setor do Turismo é parte integrante do ramo de atividade representado por “comércio e reparação de veículos; alojamento e restauração”. Este apresenta o VAB mais elevado de todos os outros ramos de atividade. É importante acrescentar que o VAB é o Valor Acrescentado Bruto, ou seja, o setor do Turismo foi, no quarto trimestre do ano de 2017, um dos que mais valor acrescentou à economia portuguesa.

Os inquiridos colocam o setor financeiro a par do setor turístico. Na figura 4.2.6 observa-se que as atividades financeiras, de seguros e imobiliárias são o segundo ramo com o VAB maior, seguido pela Indústria e ainda os transportes.

Contas Nacionais Trimestrais (Base 2011)
PIB a preços de mercado na ótica da produção - VAB por ramo de atividade, A8 - Dados Encadeados em Volume (Ano de referência=2011)

Unid:10⁶ Euros

	Valores Trimestrais							
	4ºTrim.17	3ºTrim.17	2ºTrim.17	1ºTrim.17	4ºTrim.16	3ºTrim.16	2ºTrim.16	1ºTrim.16
Agricultura, silvicultura e pesca	820,9	817,2	809,5	797,2	779,6	775,5	783,9	804,1
Indústria	5 668,8	5 648,3	5 487,2	5 488,6	5 448,2	5 419,9	5 265,1	5 262,8
Energia, água e saneamento	1 200,5	1 179,3	1 171,8	1 189,6	1 227,2	1 223,7	1 196,7	1 216,7
Construção	1 628,3	1 564,6	1 600,3	1 624,2	1 540,8	1 472,4	1 485,9	1 513,9
Comércio e reparação de veículos; alojamento e restauração	8 558,9	8 464,1	8 435,2	8 343,2	8 264,4	8 162,0	8 095,6	8 060,3
Transportes e armazenagem; atividades de informação e com	3 149,5	3 164,4	3 088,1	3 077,3	3 156,9	3 073,8	2 985,5	2 990,2
Atividades financeiras, de seguros e imobiliárias	6 130,5	6 144,7	6 118,4	6 114,9	6 100,3	6 121,4	6 098,3	6 080,1
Outras atividades de serviços	12 211,5	12 149,3	12 263,3	12 299,5	12 093,6	12 058,2	12 182,8	12 067,8
VAB a preços de base (1)	39 368,8	39 131,9	38 973,8	38 934,4	38 611,1	38 306,9	38 093,7	37 995,9
Impostos líquidos de subsídios sobre os produtos	5 782,8	5 715,7	5 643,5	5 566,5	5 462,5	5 367,6	5 332,8	5 259,4

Figura 4.2.6 – VAB por setor de atividade económica em Portugal

Fonte: Instituto Nacional de Estatística

Pode-se afirmar que existe uma relação entre os setores que se mostram mais vulneráveis aos atentados terroristas com os ramos de atividade que geram maior VAB, o que pode provocar consequências na economia Portuguesa. Segundo as opiniões dos inquiridos no questionário, os setores mais influenciados perante um atentado terrorista seriam o do turismo e financeiro, como estes são os setores que geram maior valor à economia, isto significa que a economia portuguesa sairia prejudicada.

Apesar do carácter imprevisível dos ataques terroristas e a suscetibilidade de prejudicar as perspetivas económicas e mercados financeiro, esta análise pode contribuir e servir como apoio para muitos investidores fazerem a escolha dos melhores setores para investir em ambiente

terrorista. Pode-se sugerir um menor investimento em empresas integradas no setor do turismo e no setor financeiro.

Um inquirido deu a sua opinião pessoal, referindo que no longo prazo os ataques terroristas são eventos diluídos e não eventos que possam ditar tendências de médio longo prazo.

Conclusão

Os atentados terroristas são acontecimentos que estão e estarão na ordem do dia envolvendo o mundo inteiro, por este motivo, os países menos experientes também devem optar por medidas de prevenção a nível da segurança, não esquecendo os mercados financeiros que indiretamente e de alguma forma se tornam vítimas destes acontecimentos.

Este estudo foi realizado com o objetivo de apurar os impactos dos atentados terroristas nos mercados financeiros dos Estados Unidos da América e da Europa, especificamente nos mercados acionista e cambial, bem como nos índices de setores de atividade económica num período de tempo máximo de 10 anos (2008-2018). A análise de possíveis efeitos a Portugal, se este fosse alvo de um atentado terrorista, também foi objeto de estudo.

Os resultados apurados permitem concluir que o mercado acionista norte-americanos não é afetado por atentados terroristas a curto e longo prazo, uma vez que o índice S&P500 tem um comportamento variável. O que poderá ter alterado o comportamento para subida ou queda terão sido fatores macroeconómicos e não os ataques terroristas.

Também é importante realçar que, tal como a bibliografia pesquisada refere, o mercado acionista norte-americano apresentou uma das maiores quedas de sempre no atentado terrorista do dia 11 de setembro de 2001 com efeitos colaterais pelos mercados acionistas de todo mundo. Os autores referem que o mercado norte-americano tornou-se mais resiliente no que diz respeito aos impactos causados pelo terrorismo, ou seja, o mercado acionista norte-americano deixou de ser afetado pelos atentados terroristas no país. Porém, é importante ter em conta a dimensão do ataque de 11 de setembro de 2001, sendo que este foi o maior da história dos Estados Unidos da América, fez o maior número de mortos e feridos, e destruiu parte da cidade de Nova York. Ao passo que, nos atentados que decorreram no período em estudo (2008-2018), o número de mortos e feridos não foi tão elevado, o que poderá ser um dos motivos para que o mercado não

manifestasse efeitos. Não se pode comparar o 11 de setembro de 2001 com nenhum outro que tenha ocorrido posteriormente, pela sua extrema dimensão e violência.

O Mercado Acionista Europeu também não é influenciado a curto e longo prazo, o comportamento dos índices representativos de cada país é variável. O que pode justificar é o facto dos índices de cada país analisado serem compostos pelas principais empresas do país e representam de maneira geral, todos os setores de atividade económica, o que pode contrabalançar e evitar que o índice baixe consideravelmente. É de notar ainda que, no período estudado, o comportamento do índice alemão (DAX 30) é de crescimento, uma vez que a Alemanha tem uma economia forte e é considerada o grande motor da União Europeia, possui estabilidade política e económica (possível flight-to-safety).

Verifica-se que a relação entre os principais índices acionistas dos países e os atentados terroristas não é clara, uma vez que nalguns casos as cotações descem e outros sobem, o que permite concluir que os atentados não influenciam os mercados acionistas a curto e longo prazo. Por vezes pode até ser uma oportunidade de investimento nos países que foram alvo, por estes possuírem economias fortes, o que pode levar a que os investidores tenham retorno no futuro, a probabilidade de ganho no futuro é maior que a de perda, o que poderá aumentar a cotação das ações muito rapidamente, motivo que pode levar a parecer que não exista influência dos atentados terroristas sobre os mercados acionistas. Um outro motivo, é o facto de ser cada vez mais comum estes fenómenos e deste modo, os países já estão preparados e criaram medidas explícitas para colmatar os prejuízos.

No mercado cambial verifica-se que os atentados influenciam as taxas de cambio no curto prazo, uma vez que os seus valores se alteram no dia dos ataques. No mercado cambial norte-americano o comportamento da moeda do país (Dólar) é, na maioria das vezes, de desvalorização relativamente à moeda Europeia (Euro) e do Reino Unido (Libra Esterlina) em clima de terrorismo. No mercado cambial europeu, o comportamento da moeda europeia (Euro) é de desvalorização relativamente à libra esterlina e ao dólar em todos os momentos de atentados terroristas. É de realçar que a desvalorização é mais significativa na cotação cambial EUR/USA do que EUR/GBP. O efeito de curto prazo perde força com o passar dos dias, deixando de produzir impacto a longo prazo.

Face ao estudo de análise aos setores da economia, pode-se concluir que no mercado norte-americano os setores que mais repercussões tiveram foram o Financials, Energy e Materials.

Em França os setores Oil & Gas e o Financials apresentam maior quebra. Na análise dos índices de setores da Alemanha, não se evidencia muito impacto, os setores não mostram tendência de subida e descida. Ainda assim, os setores Consumer Services, Industrials e Consumer Goods foram os que tiveram uma pequena queda no período em estudo. Em Espanha os setores Serviços Financeiros e Imobiliários e o de Tecnologia e Telecomunicações apresentam-se como os mais afetados.

No que concerne ao estudo dos possíveis efeitos a Portugal, os resultados apontam para que o mercado acionista seja influenciado. Embora os preços das ações portuguesas sofram um decréscimo, este efeito seria mais notório a curto prazo. Com o passar do tempo, a tendência é que os preços das ações recuperem e assim, a longo prazo não se manifesta nenhuma influência, na opinião dos entrevistados.

Relativamente ao mercado cambial, o impacto seria de desvalorização da moeda portuguesa (Euro) no curto prazo, uma vez que a procura pela moeda portuguesa iria baixar proveniente da consequência de redução de turistas bem como de investimentos em Portugal. No entanto, a longo prazo volta à normalidade, sem que um atentado terrorista tenha algum impacto na taxa de câmbio.

No que diz respeito aos setores da economia, o Turismo e o Financeiro serão os setores que poderão padecer de maior queda com um ataque terrorista em Portugal. Os inquiridos consideram ainda que os setores da construção civil e dos transportes, como também o do comércio poderão sofrer efeitos negativos.

É interessante a relação de proporcionalidade existente entre o Valor Acrescentado Bruto da economia portuguesa e os setores que se mostram mais suscetíveis aos atentados terroristas. Ou seja, os setores da economia que mais prejudicados seriam por estes atos são os mesmos que maior VAB geram a Portugal. Sendo assim, será de esperar que a economia portuguesa saia lesada com ataques terroristas, uma vez que os valores que lhe acrescentam maior valor bruto iriam sofrer uma redução.

Os países aqui estudados, deverão implementar mais e melhores medidas preventivas a nível da segurança (evitando assim os ataques terroristas) bem como a nível económico, de modo a detetar e corrigir atempadamente as situações que coloquem os mercados financeiros em desequilíbrio, sobretudo países com economias mais frágeis, como é o caso de Portugal.

Para realização de investigações de natureza semelhante no futuro, seria igualmente interessante efetuar uma análise aos mercados financeiros, mas utilizando como fator de impacto fenómenos políticos, as manifestações e instabilidade políticas nos países (por exemplo, o que se vivenciou no último ano na Catalunha). Recomenda-se também o uso de algum método econométrico para ditar tendências de médio e longo prazo como OLS Regressivos.

Bibliografia

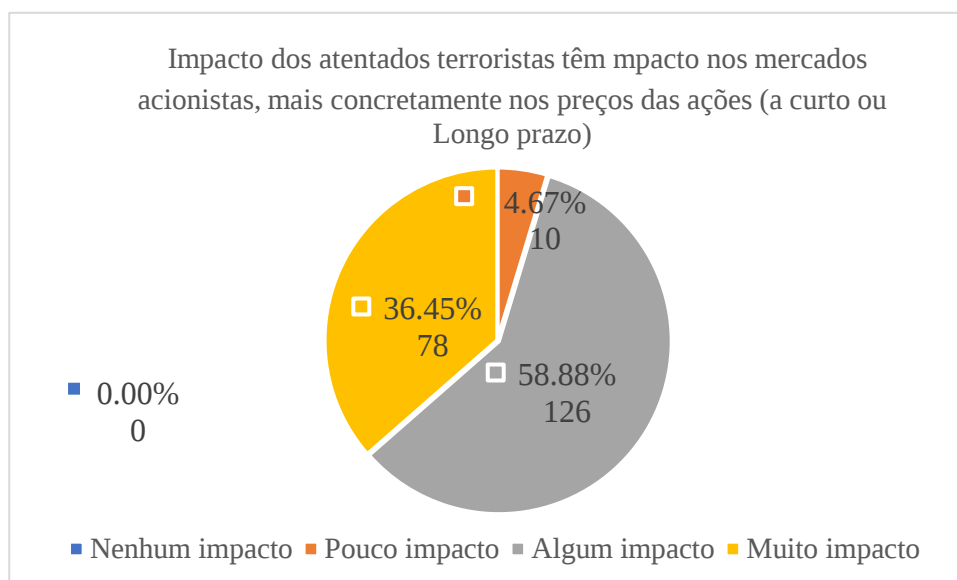
- Andrew Karolyi, G, Rodolfo Martell, Jeff Brown, Mike Cooper, David Denis, Diane Denis, et al., «Terrorism and the Stock Market», 2006
- Arin, K. Peren, Davide Ciferri, e Nicola Spagnolo, «The price of terror: The effects of terrorism on stock market returns and volatility», *Economics Letters*, 101 (2008), 164–67 <<https://doi.org/10.1016/j.econlet.2008.07.007>>
- Bilal, Ahmad Raza, Noraini Bt Abu Talib, Inam Ul Haq, Mohd Noor Azli Ali Khan, e Talat Islam, «How Terrorism and macroeconomic factors impact on returns: A case study of Karachi stock Exchange», *World Applied Sciences Journal*, 19 (2012), 1575–84 <<https://doi.org/10.5829/idosi.wasj.2012.19.11.2611>>
- Brounen, Dirk, e Jeroen Derwall, «The impact of terrorist attacks on international stock markets», *European Financial Management*, 16 (2010), 585–98 <<https://doi.org/10.1111/j.1468-036X.2009.00502.x>>
- Charles, Amélie, e Olivier Darné, «Large shocks and the September 11th terrorist attacks on international stock markets», *Economic Modelling*, 23 (2006), 683–98 <<https://doi.org/10.1016/j.econmod.2006.03.008>>
- Chen, Andrew H., e Thomas F. Siems, «The effects of terrorism on global capital markets», *European Journal of Political Economy*, 20 (2004), 349–66 <<https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2003.12.005>>
- Chesney, Marc, Ganna Reshetar, e Mustafa Karaman, «The impact of terrorism on financial markets: An empirical study», *Journal of Banking and Finance*, 35 (2011), 253–67 <<https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2010.07.026>>
- Corsetti, Giancarlo, Marcello Pericoli, e Massimo Sbracia, «“Some contagion, some interdependence”: More pitfalls in tests of financial contagion», *Journal of International Money and Finance*, 24 (2005), 1177–99 <<https://doi.org/10.1016/j.jimonfin.2005.08.012>>
- Drakos, Konstantinos, «Terrorism activity, investor sentiment, and stock returns», *Review of Financial Economics*, 19 (2010), 128–35 <<https://doi.org/10.1016/j.rfe.2010.01.001>>
- Eldor, Rafi, e Rafi Melnick, «Financial markets and terrorism», *European Journal of Political Economy*, 20 (2004), 367–86 <<https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2004.03.002>>
- FREY, Bruno S., LUECHINGER, Simon e STUTZER, Alois, 2004, “*Calculating tragedy: Assessing the costs of terrorism*”. Working paper no. 205, Journal of Economics Surveys Vol. 21 no. 1, 2006, University of Zurich.
- Greaseley, David, e Jakob B. Madsen, «Investment and uncertainty: Precipitating the great depression in the United States», *Economica*, 2006 <<https://doi.org/10.1111/j.1468-0335.2006.00505.x>>
- Gries, Thomas, e Daniel Meierrieks, «Do banking crises cause terrorism?», *Economics Letters*, 119 (2013), 321–24 <<https://doi.org/10.1016/j.econlet.2013.03.009>>
- INE, «Boletim Mensal de Estatística 2016», *Estatísticas oficiais*, 2016, 1–89 <<https://doi.org/10.1016/j.ine.2016.0032-5082>>
- Jain, Sanjay, e Sharun W Mukand, «The economics of high-visibility terrorism», 20 (2004), 479–94 <<https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2004.02.001>>
- Johnston, R Barry, e Oana M Nedelescu, «The impact of terrorism on financial markets: An empirical study», *Journal of Banking and Finance*, 13 (2006), 7–25 <<https://doi.org/10.1016/j.jbankfin.2010.07.026>>
- Kollias, Christos, Efthalia Manou, Stephanos Papadamou, e Apostolos Stagiannis, «Stock markets and terrorist attacks: Comparative evidence from a large and a small capitalization market», *European Journal of Political Economy*, 27 (2011), S64–77 <<https://doi.org/10.1016/j.ejpoleco.2011.05.002>>

- Leão, E., Leão, P. e Lagoa, S. (2009), *Política Monetária e Mercados Financeiros*, Lisboa, Edições Sílabo.
- Meierrieks, Daniel, e Thomas Gries, «Causality between terrorism and economic growth», *Journal of Peace Research*, 2013 <<https://doi.org/10.1177/0022343312445650>>
- Nikkinen, Jussi, «Terrorism and Stock Market Sentiment», 45 (2010), 263–75
- Ramos, Larissa Cavalcante, «O impacto dos atentados terroristas no mercado acionista O impacto dos atentados terroristas no mercado acionista», 2016
- Sectors, W H Y, A R E Important, Viewing Markets, Through The, Lens Of, Sector Indexing, et al., «MSCI USA IMI SECTOR INDEXES», 2017

Anexos

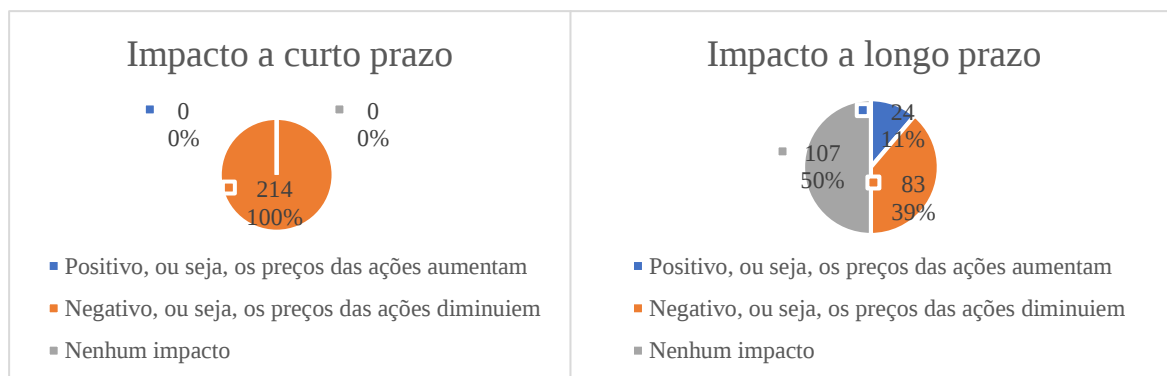
I – Gráficos de Resultados do Questionário

Anexo A1 – Impacto dos atentados terroristas nos mercados acionistas



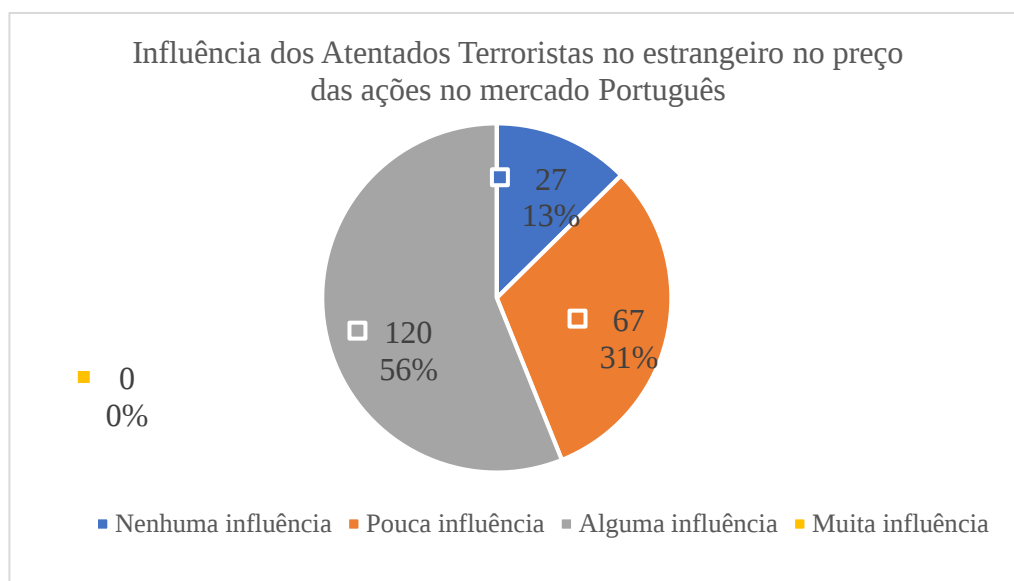
Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo B1 – Impacto dos Atentados terroristas no preço das ações em percentagem e número no curto e longo



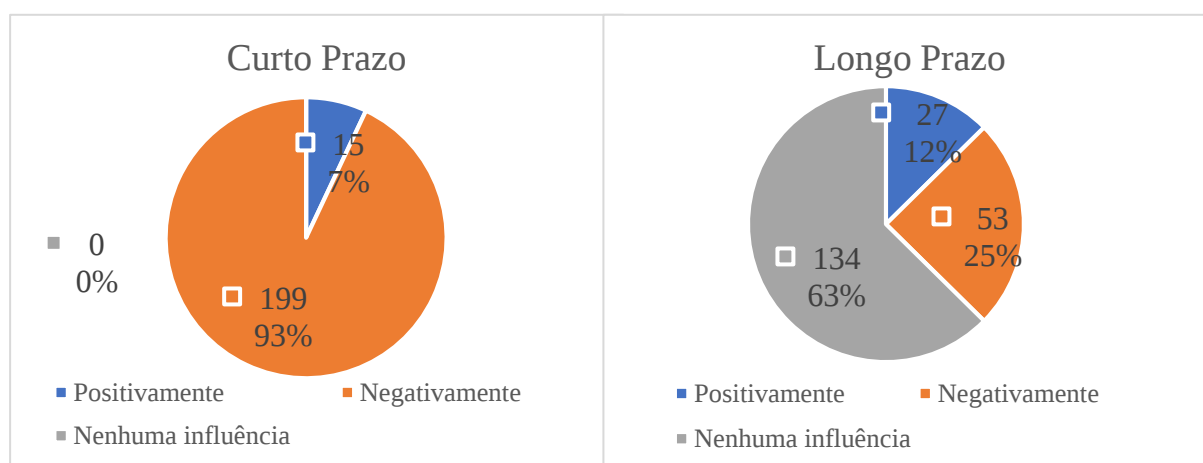
Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo C1 – Influência dos Atentados Terroristas Estrangeiros no Mercado Acionista Português



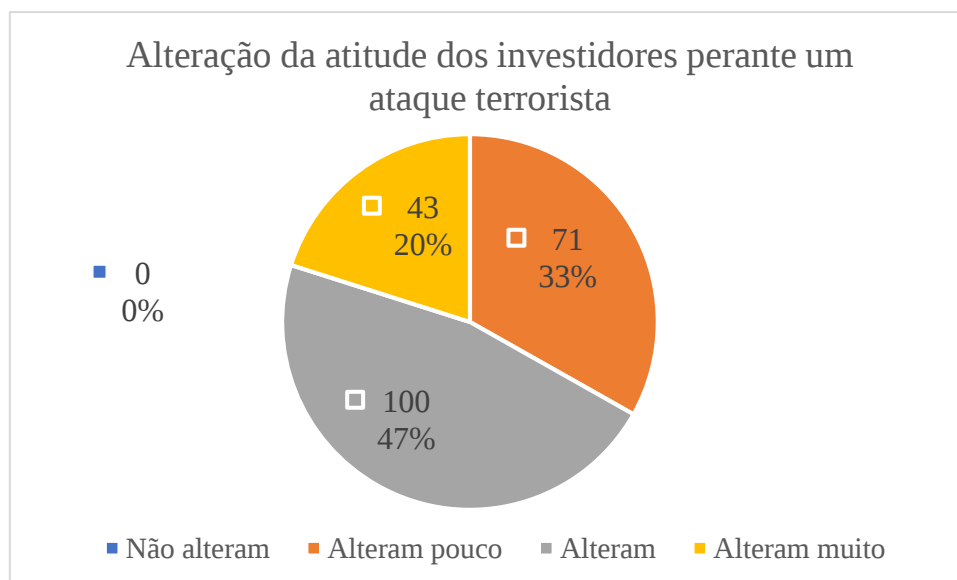
Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo D1- Influência de dos Atentados Terroristas Estrangeiros no Mercado Acionista Português a curto e longo prazo



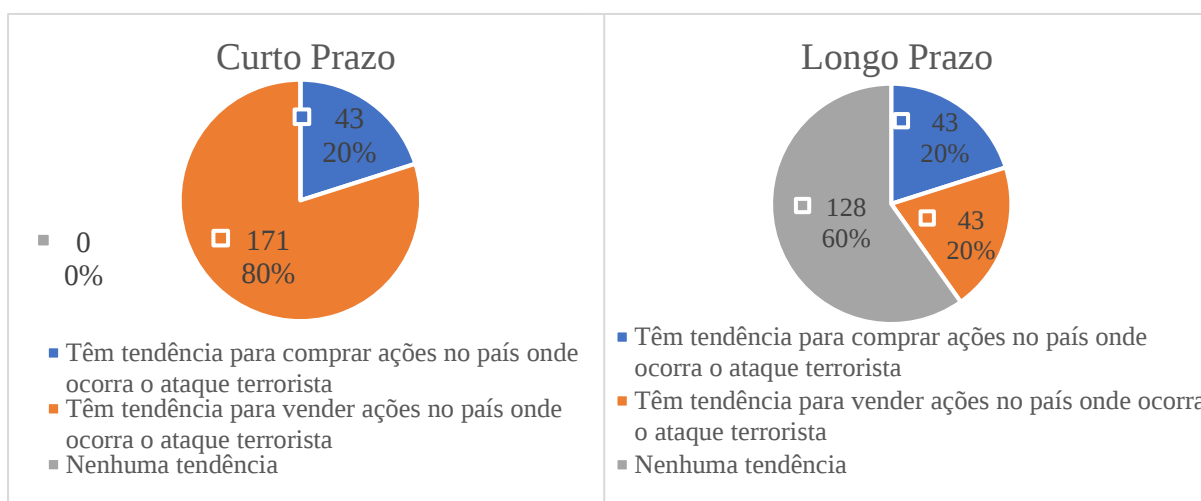
Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo E1- Alteração de atitude dos investidores perante um ataque terrorista em percentagem e número



Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo F1 – Comportamento dos investidores a curto e longo prazo



Fonte: Excel com base nos dados recolhidos no questionário

Anexo II - Questionário

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Este questionário enquadra-se numa investigação no âmbito da elaboração de uma dissertação de Mestrado em Economia Monetária e Financeira, sob orientação do Doutor Professor Auxiliar com agregação Emanuel Cláudio Reis Carvalho Leão (emanuel.leao@iscte-iul.pt), realizada no ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.

Os resultados obtidos serão utilizados apenas para fins académicos, sendo realçado que o questionário é anónimo, pelo que solicito que responda de forma espontânea e sincera a todas as questões. Na maioria das questões terá apenas de assinalar com uma cruz a sua opção de resposta e a sua duração é de cerca três minutos.

Obrigada pela sua colaboração.

Marta Batista
(msbaa@iscte-iul.pt)

Progresso
0% 100%

>>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

1. Tendo em conta a sua experiência de trabalho, considera que os atentados terroristas têm impacto nos mercados acionistas, mais concretamente nos preços das ações (a curto ou Longo prazo)?

Nenhum impacto Pouco impacto Algum impacto Muito impacto

Progresso
0% 100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

1.1. A curto prazo, considera esse impacto:

☐ Positivo, ou seja, os preços das ações aumentam ☐ Nenhum impacto

☐ Negativo, ou seja, os preços das ações diminuem

1.2. A longo prazo, considera esse impacto:

☐ Positivo, ou seja, os preços das ações aumentam ☐ Nenhum impacto

☐ Negativo, ou seja, os preços das ações diminuem

Progresso
0% 100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

2. Os atentados terroristas no estrangeiro, nomeadamente os últimos na Catalunha, em Londres, em Paris e nos EUA, influenciaram os preços das ações no mercado português (a curto ou longo prazo)?

Nenhuma influência Pouca influência Alguma influência Muita influência

0%  100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

2.1. A curto prazo, de que maneira?

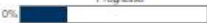
☐ Positivamente ☐ Nenhuma influência

☐ Negativamente

2.2. A longo prazo, de que maneira?

☐ Positivamente ☐ Nenhuma influência

☐ Negativamente

0%  100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

3. Em que medida os investidores alteram a sua atitude no país onde ocorra o ataque terrorista (a curto ou longo prazo)?

☐ Não alteram ☐ Alteram pouco ☐ Alteram ☐ Alteram muito

3.1. Os investidores, a curto prazo:

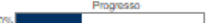
☐ Têm tendência para comprar ações no país onde ocorra o ataque terrorista ☐ Nenhuma tendência

☐ Têm tendência para vender ações no país onde ocorra o ataque terrorista

3.2. Os investidores, a longo prazo:

☐ Têm tendência para comprar ações no país onde ocorra o ataque terrorista ☐ Nenhuma tendência

☐ Têm tendência para vender ações no país onde ocorra o ataque terrorista

0%  100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

4. Se Portugal fosse alvo de um ataque terrorista, haveria algum efeito nos preços das ações portuguesas?

Sem efeito Pouco efeito Algum efeito Muito efeito

☐ ☐ ☐ ☐

4.1. Qual seria esse efeito a curto prazo?

☐ Positivo, ou seja, haverá um aumento dos preços ☐ Não iria ter efeito

☐ Negativo, ou seja, haverá uma descida dos preços

4.2. Qual seria esse efeito a longo prazo?

☐ Positivo, ou seja, haverá um aumento dos preços ☐ Não iria ter efeito

☐ Negativo, ou seja, haverá uma descida dos preços

4.3. Os investidores iriam ter alguma desconfiança no mercado acionista português?

Nenhuma desconfiança Pouca desconfiança Alguma desconfiança Muita desconfiança

☐ ☐ ☐ ☐

Progresso 0% 100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

5. Considera que os atentados terroristas influenciam as taxas de câmbios ?

Nenhuma influência Pouca influência Alguma influência Muita influência

☐ ☐ ☐ ☐

5.1. Na sua opinião, o que acontece à moeda do país onde ocorre o atentado terrorista a curto prazo?

☐ A moeda valoriza ☐ Não tem efeito

☐ A moeda desvaloriza

5.2. Na sua opinião, o que acontece à moeda do país onde ocorre o atentado terrorista a longo prazo?

☐ A moeda valoriza ☐ Não tem efeito

☐ A moeda desvaloriza

Progresso 0% 100%

<< >>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

6. A cotação das ações de que setores da economia que consideraria mais afetadas pelos atentados terroristas, caso ocorresse um fenómeno destes em Portugal?

- ☐ Siderurgia (indústria que transforma minério de ferro em aço)
- ☐ Petroquímica (indústria que transforma petróleo em plástico)
- ☐ Cimenteiras (produção de cimento)
- ☐ Setor automóvel
- ☐ Setor da construção civil
- ☐ Setor da produção de bens industriais (electrodomésticos, computadores, telemóveis, comboios, etc.)
- ☐ Setor da produção de máquinas industriais
- ☐ Setor da energia:
- ☐ Setor dos transportes (rodoviário, ferroviário, marítimo, aéreo)
- ☐ Setor das telecomunicações (telefone, internet,...)
- ☐ Setor do comércio
- ☐ Setor financeiro (bancos, fundos de investimento, companhias de seguros,...)
- ☐ Setor da saúde (hospitais, indústria farmacêutica)
- ☐ Setor da educação
- ☐ Setor da cultura
- ☐ Setor do turismo (hotéis, restaurantes,...)
- ☐ Agricultura
- ☐ Setor da pesca
- ☐ Setor da extração mineira

Progresso

0%100%

<<>>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Se quiser deixar uma sugestão/opinião pessoal sobre a ligação destes fenómenos com os mercados financeiros

Progresso

0%100%

<<>>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Obrigada pela sua colaboração e tempo disponibilizado. A sua opinião será crucial para a minha investigação.

Marta Batista
msbaa@iscte-iul.pt

Progresso

0%100%

<<>>

ISCTE Instituto Universitário de Lisboa

Agradecemos a sua participação neste inquérito.
A sua resposta foi registrada.

Progresso

0%100%